



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JOICE RIBEIRO DE SOUZA

**CANTANDO O SERTÃO EM A *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*:
A POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DE ASSARÉ**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2021

JOICE RIBEIRO DE SOUZA

**CANTANDO O SERTÃO EM A *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*:
A POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DE ASSARÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para a obtenção do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S729c Souza, Joice Ribeiro de

Cantando o sertão em A Inspiração nordestina: a poesia de cordel de Patativa do Assaré / Joice Ribeiro de Souza - 2021.
67 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Literatura de cordel. 2. Inspiração nordestina. 3. Cordel.
4. Assaré, Patativa do, 1909-2002. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 82-91.087.6

FOLHA DE APROVAÇÃO

JOICE RIBEIRO DE SOUZA

CANTANDO O SERTÃO EM A *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*: A POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DE ASSARÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, como requisito final para a obtenção do título de licenciada em Letras, habilitação em Língua Portuguesa. Aprovado em 17/02/2021.



Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (Orientador)

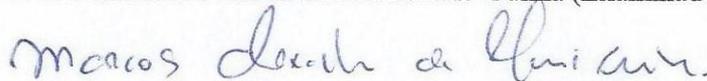
Banca examinadora:



Prof. Dra. Fábiana Pereira da Silva

Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (Avaliadora Interna)

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Examinador)



As minhas amadas e saudosas avós, que preocupavam-se com cada saída, e alegravam-se com cada chegada, que acreditaram e confiaram em mim. Minha amada avó Maria Lúcia dos Santos, e minha flor Mãe Jandira Moreno Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Com o coração repleto de alegria, rendo graças ao Amado de minha alma, o Cristo Jesus, e a Sua Mãe e minha protetora Nossa Senhora do Carmo, que em todos os momentos, faz me sentir o amor e predileção.

À base do meu ser, os pedaços de mim, meus pais, Sandra Maria de Souza Silva, e Gilson Ribeiro da Silva, que acreditaram e ansiavam pela conclusão deste curso, bem mais que eu, dedico minha eterna gratidão. À minha esperada filha, que em meu ventre, e agora em meus braços, proporcionou-me forças para prosseguir. Por vocês e para vocês cheguei até aqui.

Ao orientador deste trabalho Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, pela orientação, pela paciência e dedicação ao que faz, pela aceitação de atrasos e diversas falhas, e por ser esse mestre do saber incrível.

A todos os meus professores, desde o ensino básico até a graduação, pois sem os seus ensinamentos essa jornada não seria concluída.

À minha família, meu avô Josué Ribeiro, meu pai Zezé; minha companheira e tia Josy Ribeiro, meu irmão e parceiro Jedson Ribeiro, e a minha amada prima Geovana Ribeiro, ao meu esposo Adeilton Thomaz, pelas vezes que incentivou-me, à minha sogra Maria dos Santos, por todo cuidado e preocupação, à minha amiga Ramila Santos pelo apoio e torcida. Sem vocês a caminhada seria bem mais penosa.

Aos meus amigos, Jéssica Oliveira, por todo apoio e paciência, Cézar Manoel Conrado, pela disponibilidade e carinho, à Dona Julia, pelo amor e receptividade de sempre, ao Sr. Manoel Conrado e Marizete Santos pelas grandes contribuições e apoio.

Aos colegas curso, que fizeram-se ponte para a chegada das aprendizagens, e de modo bem especial à minha dupla, equipe e trio à amiga de sempre Lucimália Bezerra de Araújo, que fez-se e faz presentes em todos os momentos que necessito.

À Manuela Ribeiro Torres, minha amiga, pedagoga, confidente, que amo, o presente que a UFAL me proporcionou.

A cada carona, e pequenos gestos de gentileza, a equipe Sini-Ufal, que animavam e amenizam o cansaço de cada viagem.

“O Cordel é tudo, até poesia”.

(Bráulio Bessa)

RESUMO

Este estudo buscou analisar a obra **Inspiração nordestina** (2007) do autor Patativa do Assaré, publicada pela primeira vez em 1956. Em síntese, Patativa do Assaré, foi um grande defensor das causas sociais, e lutou ferrenhamente para que as desigualdades fossem aniquiladas, cantando, recitando e escrevendo em seus cordéis, seus anseios, e os anseios do seu povo, e compatriotas de movimentos. A pesquisa iniciou-se debruçando-se sobre a chegada e formação da literatura de cordel no Brasil, perpassando por suas características, trajetória, cordelistas mais influentes, até o modo de propagação na atualidade. Em seguida, faz-se um apanhado geral sobre a vida e obra do autor, destacando algumas de suas obras, e por fim chega-se a análise geral da obra objeto de nossa pesquisa, enfatizando o enredo e o espaço descritos nos poemas de cordéis. Este trabalho baseou-se em Melo (2011), Rebouças (2017), dando ênfase para o modo de descrição dos sertões, estudados em cada tese utilizada. Ainda foram empregadas as contribuições da Academia Brasileira de Cordel (ABLC), Nogueira (2017), Santos Junior (2017), Santos (2013), entre outros estudiosos da área. Dessa forma, a pesquisa é de cunho bibliográfica e qualitativa, cuja a análise da obra está ligado aos estudos literários contemporâneos ao autor. Como diz sobre a obra o próprio Patativa (2003), *em vez do prefurme e do luxo da praça, tem chêro sem graça de amargo suó, suó de caboco que vem do roçado, com fome, cansado e queimado do só.*

Palavras-chave: Cordel. Personagem. Enredo. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

This study sought to analyze the work **Inspiração nordestina** (2007) by the author Patativa do Assaré, published for the first time in 1956. In summary, Patativa do Assaré was a great defender of social causes, and fought fiercely so that inequalities were annihilated, singing, reciting and writing in his strings, his longings, and the longings of his people, and compatriots of movements. The research started by focusing on the arrival and formation of string literature in Brazil, going through its characteristics, trajectory, most influential string players, up to the current way of propagation. Then, a general overview of the author's life and work is made, highlighting some of his works, and finally, the general analysis of the work object of our research is reached, emphasizing the plot and space described in the cordel poems. This work was based on Melo (2011), Rebouças (2017), damage emphasis on the description of the sertões, studied in each thesis used. Contributions from the Brazilian Cordel Academy (ABLC), Nogueira (2017), Santos Junior (2017), Santos (2013), among other scholars in the field, were also used. In this way, the research is bibliographic and qualitative, whose analysis of the work is linked to literary studies contemporary to the author. As Patativa (2003) says about the work, instead of the perfume and luxury of the square, it has a dull smell of bitter sweat, sweat caboco that comes from the fields, hungry, tired and burned by the sun.

Keywords: Cordel. Character. Plot. Assaré Patativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O CORDEL E SUA TRAJETÓRIA NA LITERATURA BRASILEIRA.....	12
2.1 Características da literatura de cordel	12
2.2 a formação da literatura e literatura de cordel no Brasil	15
2.3 A literatura de cordel em sala de aula	19
2.4 Literatura de cordel como tradição poética	20
3 O CANTO DO POETA SERTANEJO.....	26
3.1 A vida poética de Antônio Gonçalves Da Silva	26
3.2 As obras de Patativa do Assaré.....	30
4 A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i>.....	37
4.1 O sertão da seca	38
4.2 O sertão de Assaré.....	40
4.3 O campo em oposição à cidade.....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

Com a chegada de outros povos no período da colonização, chegaram também outras culturas, e assim nossa literatura bebeu da arte literária com as quais obtiveram contato, de igual modo isto aconteceu com a literatura de cordel, a qual passou por várias transformações, que integraram a *formação da literatura e literatura de cordel no Brasil*, que vão desde mudanças no modo de propagação até as temáticas tratadas em cada poema. Inicialmente recitada no modo oral, mas com o passar das décadas, passou a ser escrita acompanhados de ilustrações que são as chamadas xilogravuras.

Dentre *as características da literatura de cordel*, tem-se as nomeações deste gênero, que foram diversas, inicialmente eram conhecidos como romances, folhetins e entre outros, porém o nome cordel fixou-se pelo modo em que eram expostos para venda, sua comercialização dava-se nas feiras livres, e estes eram pendurados em cordas, daí tem-se a origem do nome que utilizamos atualmente. A principal funcionalidade dos poemas de cordéis, eram jornalísticas, nas quais os cordelistas deixavam a população informada sobre as notícias da região e do mundo em formato de rima. Porém com a chegada das novas tecnologias, que levavam as informações de forma mais ágil, o cordel perdeu sua função principal. Com isso, os cordelistas tiveram que reinventar-se. Modificando os temas, foi a vez também de alterar as formas estéticas, com inovações nas rimas e métricas, nas quais algumas caíram em desuso e outras começaram a ser utilizadas com maior frequência.

A presença da *literatura de cordel em sala de aula* por diversas vezes encontra resistência e dificuldades, para que ocorra sua propagação em essência, tida muitas vezes como literatura menor, ou resumidamente à temas humorísticos, esta arte literária não é apresentada, de modo que enfatize o belo literário de cada poema, reduzindo desse modo a sua importância e relativizando o conteúdo artístico e literário. Este fato é evidenciado nas execuções dos estágios supervisionados, sendo estas disciplinas ofertadas pela Universidade Federal de Alagoas, realizados nas escolas do município de Delmiro Gouveia, sendo elas; Escola Municipal de Educação Básica José Correia dos Santos, e Escola Estadual Francisca Rosa da Costa.

Enfatizamos a *literatura de cordel como tradição poética*, pois esta chega em locais nos quais outras vertentes literárias não conseguem chegar. Sendo a literatura popular, com linguagem acessível e compatível com muitos dos ouvintes, estes sentem-se atraídos e encantados, para também produzirem e reproduzirem, os poemas. Há diversos poetas

cordelistas que estão no anonimato em cada canto do nosso país, de modo particular na região nordeste, muitos desses poetas, são analfabetos, ou de pouco conhecimento literário, porém seus poemas contém a poética particular do cordel. Desse modo citaremos alguns desses cordelistas com os quais tivemos contato, são eles; Cezár Manoel Conrado, Manoel Antônio Conrado, Júlia Generoza dos Santos.

A vida poética de Antônio Gonçalves da Silva, que nasceu no interior do estado do Ceará, na serra de Santana, pertencente a cidade de Assaré, no ano de 1909, o Patativa do Assaré é um dos maiores cordelistas da trajetória da literatura de cordel, tendo este uma vasta e diversificada obra. O nome artístico a ele dado, é em função à um pássaro de pequena estatura, muito comum na região, com seu canto diferenciado, fino e belo, este codinome encaixou-se perfeitamente no referido poeta nordestino.

Agricultor de origem humilde, órfão de pai, semianalfabeto, com visão reduzida, Patativa superou os obstáculos com maestria. Teve seu primeiro contato com o universo literário no curto espaço de tempo em que frequentou uma escola de ensino precário em sua região, escreveu o primeiro verso com 14 anos de idade, e logo juntou as economias e comprou uma viola, com qual versava nas festas e encontros da região.

Viajou para o estado do Pará com seu primo, e lá conheceu outros cordelistas, voltando para o Ceará, continuou com sua vida simples de camponês, e fazendo seus poemas. Até o dado momento em que, publicou seu primeiro livro contando com ajuda de alguns parceiros. A fama de Patativa começava a espalhar-se, a cada publicação de obras, e também com a gravação do poema *A Triste Partida*, por Luiz Gonzaga.

As obras de Patativa do Assaré demonstrava sua luta, e o seu desejo em ver as desigualdades e sofrimentos do povo findar. Em seus poemas demonstrava sua revolta com o sistema opressor, e na vida pessoal engajava-se em movimentos empenhados a reformular o modo governamental do país. Chamado de poeta cidadão, apresentou para o mundo a labuta diária vivenciada pelos mais pobres. Sendo por este motivo, muitas vezes perseguido e até preso, pois viveu em um dos momentos políticos mais difíceis do nosso país. Porém não desistia e nem desanimava, continuava firme na luta e no desejo em ver seu país totalmente liberto, e vivenciando o que ele nomeou como verdadeira democracia.

A obra *Inspiração Nordestina*, nosso objeto de pesquisa, foi a primeira publicação do autor Patativa do Assaré, com o auxílio de alguns estudiosos, enfrentou algumas adversidades, porém conseguiu supera-las. Nosso objetivo é analisar esta obra que contém uma vasta coletânea de poesias, na qual apresenta multiplicidade do sertão e suas diversas faces, nesta

obra tem-se presente reflexões sobre o ato de produzir poesias, retratos da vida sertaneja, e de forma enfática as diversas representações do sertão. Os textos de Assaré trazem, assim, a realidade do sertanejo vivido por um próprio sertanejo, tendo este diferencial, comparado à outras obras que falam superficialmente, e levam uma imagem deturpada do sertão.

O *sertão da seca* que é por diversas vezes citadas na obra, sendo esta uma das causadoras do fluxo de migração, para os estados da região Sul, nas quais as famílias nordestinas passam a viver em condições desfavoráveis, e sem obter os recursos necessários para voltarem a terra natal, em uma forma de aprisionamento e escravidão dos tempos atuais.

O *sertão de Assaré* é o espaço apresentado nas poesias patativianas, nas quais são e possibilitam a criação poética? Assim, esse espaço está ligado à sua terra, e as coisas naturais que estão ao seu redor, apresentando-o como um lugar de riqueza de fartura, tendo assim orgulho e encantamento.

O *campo em oposição à cidade* é bem demarcado em sua obra, pois o autor reconhece-se como um homem do campo, e enfatiza as belezas e desafios de ser sertanejo, em comparação à vida que as pessoas possuem nas grandes cidades, as zonas urbanas são apresentadas como um lugar que não proporciona a tranquilidade e sossego existentes no sertão.

Este estudo visa a identificação dos fatores, e explicação da razão do objeto de estudo, classificado assim como pesquisa explicativa, pois a metodologia utilizada foi de análise da obra. Caracterizando-se como pesquisa qualitativa, reunindo obras e artigos como fonte de pesquisa, pois dessa maneira qualifica-se como estudo bibliográfico. A pesquisa baseou-se em Melo (2011), Rebouças (2017), dando ênfase para o modo de descrição dos sertões, estudados em cada tese utilizada. Ainda foram empregadas as contribuições da Academia Brasileira de Cordel (online), Nogueira (2017), Santos Junior (2017), Santos (2013), e entre outros estudiosos da área.

Este estudo está subdividido em três capítulos são estes; o 1º intitulado O cordel e sua trajetória na literatura brasileira, que busca fazer um apanhado geral sobre a história do cordel até a atualidade. O 2º capítulo que tem por título, O canto do poeta sertanejo, que faz um apanhado geral sobre a vida e obra do poeta Patativa do Assaré. O 3º capítulo intitulado a representação do sertão em *Inspiração Nordestina*, faz uma sucinta análise de forma geral, e de forma mais específica o eu-lírico e o espaço descritos na obra.

2 O CORDEL E SUA TRAJETÓRIA NA LITERATURA BRASILEIRA

2.1 Características da literatura de cordel

Cada fase literária ao decorrer dos tempos continha em seu corpo um formato característico a ser seguido, mesmo o poema sendo de forma livre, ele segue essa determinada forma, e assim se caracterizando como livre. O mesmo ocorre com os poemas de cordéis, que modificaram-se e ganharam outras formas de rimas e métricas.

Segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC), têm-se atualmente onze estruturas poéticas, sendo estas: parcela ou verso de quatro sílabas, verso de cinco sílabas, estrofes de quatro versos de sete sílabas, sextilhas, setilhas, oitavas ou oito pés de quadrão, décimas, martelo agalopado, galope à beira mar e a meia quadra (ABLC, 1988). Estas formas demoraram a se concretizar no meio cordelístico, alguns poetas alegavam que as produções dos versos ficavam restritas, este fato teve maior pertinência por conta das tradições orais, nas quais as rimas eram produzidas apenas com a última palavra do verso anterior.

Desse modo, a ABLC contribui com as seguintes informações:

A evolução da literatura de cordel no Brasil não ocorreu de maneira harmoniosa. A oral, precursora da escrita, engatinhou penosamente em busca de forma estrutural. Os primeiros repentistas não tinham qualquer compromisso com a métrica e muito menos com o número de versos para compor as estrofes. Alguns versos alongavam-se inaceitavelmente, outros, demasiado breves. Todavia, o interlocutor respondia rimando a última palavra do seu verso com a última do parceiro, mais ou menos assim:

Repentista A – O cantor que pegá-lo de revés

Com o talento que tenho no meu braço...

Repentista B – Dou-lhe tanto que deixo num bagaço

Só de murro, de soco e ponta-pés (ABLC, 1988 *online*).

Como é visto nas contribuições acima, houve uma série de modificações nas estruturas dos cordéis, que possuem vários esquemas de escrita, por se tratar de uma vertente literária complexa e extensa. Apesar de a literatura de cordel conter diversas estruturas poéticas, as quais foram citadas a cima, porém, atualmente faz-se o uso de forma mais recorrente apenas de três modalidades, sendo estas: sextilha, que corresponde à estrofe com seis versos, a estrofe com sete versos, chamadas de setilha ou septilha, e a décima que contém dez versos.

A sextilha, pela sua simplicidade composicional, é a modalidade mais usual, ainda hoje pelos poetas e é adequada para narrativas mais longas e romances. Nessa modalidade, os versos pares são rimados e os ímpares brancos, ou seja,

sem rimas. Tradicionalmente, a notação do esquema de rima da estrofe de seis versos pode ser escrita de duas formas, a saber: XAXAXA, onde a letra X representa os versos brancos e a letras A os versos que rimam entre si; a outra forma notacional do esquema de rima é ABCBDB, onde a letra B representa os versos pares, versos que rimam entre si e, as letras A, C e D representam os versos brancos (NEVES, 2018, p. 37).

A modalidade de seis versos, é a mais comumente utilizada, provavelmente pelo fato de ser a que tem maior simplicidade na construção das rimas, e este modelo de rima compõe a forma de um dos poemas de cordéis mais lidos, de autoria de José Camelo de Melo Resende, o romance do *Pavão Misterioso*.

Eu vou contar a história
De um pavão misterioso
Que levantou voo da Grécia
Com um rapaz corajoso
Raptando uma condessa
Filha de um conde orgulhoso.
(RESENDE, 2008, p. 211 *apud* NEVES, 2018, p. 38).

Segundo os dados da ABLC, as setilhas ou septilhas, é uma modalidade que se pode considerar recente, pois não são encontradas nos registros de cordelistas mais antigos, como é o caso de Leandro Gomes de Barros. O autor com maior número de poemas nesta modalidade é José Pacheco da Rocha, autor do Cordel “*A chegada de lampião no inferno*” sendo este um poema bastante conhecido. Outro exemplo de setilhas é o poema de Neves, intitulado “*As histórias das plantas*”:

Vermelho e alaranjando
São as cores do arrebol.
Ao nascer, a minha flor,
Vira-se pra luz do sol.
As minhas cores latentes
Dão proteção as sementes
Que me fazem girassol.
(NEVES, 2018, p. 10).

Conforme as contribuições de Neves (2018, p. 38), a setilha ou septilha, estrofe de sete versos tem somente um verso branco, que é o primeiro. Todos os demais rimam, sendo que rimam entre si o segundo com o quarto e o sétimo versos e tem uma rima parêntese do quinto com o sexto verso. A notação do esquema de rima é ABCBDDDB.

Desse modo, tem-se a última modalidade citada, a décima ou dez pés como também é comumente conhecida. A ABLC vem contribuir enfatizando, as décimas, dez versos de sete

sílabas, são, desde sua criação no limiar do nosso século, as mais usadas pelos poetas de bancada e pelos repentistas. Excelentes para glosar motes, esta modalidade só perde para as sextilhas, especialmente escolhidas para narrativas de longo fôlego. Um exemplo de poema pertencente a esta modalidade é “*A batalha de oliveiros com ferrabrás*” de Leandro Gomes de Barros:

Eram doze cavaleiros
Homens muito valorosos,
Destemidos, animosos,
Entre todos os guerreiros,
Como bem fosse Oliveiros
Um dos pares de fiança
Venceu todos infiés,
Foram uns leões cruéis
Os doze pares de França
(BARROS, 1913, p. 1).

Deste modo, é evidenciada a rica musicalidade, e a complexidade que esta modalidade é composta. Com isso, têm-se as colocações de Neves (2018, p.39): “nesse esquema rimam entre si o primeiro, o quarto e o quinto versos; o segundo e o terceiro forma uma rima parelha; o sexto, o sétimo e o décimo rimam entre si e o oitavo e o nono formam outra rima parelha”.

Sendo assim, a rima no poema é caracterizado pela repetição de sons que assemelham-se, podendo ser no fim de cada verso ou em seu interior, desse modo é criado o chamado parentesco fônico entre as palavras que compõe o poema, presentes em dois ou mais versos. A produção das rimas é um desafio para alguns poetas, pois estas chamam a atenção dos leitores e ouvintes por conta da musicalidade que proporcionam ao poema.

Outro fator que compõe os poemas de cordéis é a métrica, que corresponde ao número de sílabas poéticas presente nos versos, estas sílabas diferencem-se das sílabas gramaticais, pois na contagem silábica dos poemas é possível reunir duas sílabas em apenas uma. Com isso, contribui Neves (2018, p 40):

Para contar as sílabas poéticas de um verso, ou seja, para escandirmos um verso, contam-se os sons até a última vogal tônica. Como contamos os sons, produzidos de uma única vez e não as sílabas gramaticais, ocorrem algumas vezes que, no meio do verso acontece a fusão de uma vogal átona, de o final de uma palavra com a vogal seguinte, solta ou do começo de uma palavra, formando uma só pronuncia, processo denominado de elisão.

A poesia de cordel contém temas diversificados, apesar dos poemas humorísticos terem um maior conhecimento do senso comum, os cordéis tratam de vários aspectos do cotidiano, reais ou não, podem trazer em seu contexto uma notícia, um fato histórico, fazer uma crítica

social, reivindicar mudanças, proporcionar reflexões sobre os mais variados assuntos, aborda também os mistérios do sagrado citando o céu e o inferno, enfim, os cordelistas versam sobre a temática que consideram necessárias, de modo que envolva os ouvintes ou leitores, das diversas maneiras, no modo oral ou escrito.

Assim, Neves (2018, p 43) contribui enfatizado:

Conclui-se, dessa forma, que o cordel, por ser poesia narrativa e dependendo da criatividade do poeta, pode discorrer sobre qualquer temática. A exemplo disso, vale salientar que os poetas contemporâneos têm editado cordel tanto em folheto, como em livro ou mesmo de forma virtual sobre terror, saúde, literatura infantil e temas relacionados com a educação de crianças e jovens como Matemática, Geografia, Gramática, etc.

Outro aspecto da poesia de cordel que vale salientar são as artes produzidas em madeira, e gravadas nas capas dos folhetos de cordéis, as chamadas xilogravuras, que por algum tempo estampava, quase todas as capas dos folhetos. Com isso, alguns leitores confundem-se considerando poema de cordel somente aqueles que possuem xilogravura na capa, desconsiderando assim, outras mídias, as quais os cordéis estão inseridos.

Desse modo, Neves (2018, p 53) ressalta o seguinte:

Portanto, não é a capa o definidor do que é ou não cordel. Sendo poesia popular narrativa e tendo em sua estrutura os elementos rima, métrica e oração, com estrofes de seis, sete ou dez versos, mesmo estando impresso em um livro, com outros textos ou impressos em folhetos ou outros suportes, tendo na capa fotografia, desenho, xilogravura ou mesmo outro recurso é cordel. O que definirá se é ou não cordel é a estrutura textual e não a capa do suporte.

A partir deste apanhado geral sobre os diversos aspectos presente na literatura de cordel é constatado a sua amplitude em relação às formas estruturais, diversificação dos temas, e maneira de propagação, de modo que acaba por eliminar os mitos conservados por parte da sociedade, de que o cordel é sinônimo de literatura menor, ou de fácil entendimento, se comparada à outras vertentes literárias. Sendo assim, é possível evidenciar do mesmo modo as riquezas presentes, que vão desde sua musicalidade à sua hibridização.

2.2 A formação da literatura e literatura de cordel no Brasil

Conforme acontecia a colonização diversas culturas chegavam ao nosso país, e dessa forma, a poética literária também começava a ingressar nos solos brasileiros. Segundo Neves

(2018), essa poesia de cunho popular chegou ao Brasil, vinda da Península Ibérica, e com isso suas influências literárias de igual modo, com isso temos nossa literatura marcada com os traços dos nossos colonizadores, porém a arte literária transparece o reflexo de um povo, e os autores brasileiros ao passo que confirmavam sua identidade passava também a afirmasse na literatura, com características próprias, e formando sua própria cultura, bebendo de outras fontes literárias, mas conservando sua história e arte. Podemos evidenciar este fato, de acordo com as contribuições de Coutinho (2004, p.27) na qual diz que,

Naquela época, presos muito embora por laços culturais à MetrÓpole, já conquistáramos a consciência de nossa nova moldura física e social, e a noção de que a literatura poderia produzir-se sob formas novas, exprimindo novos matizes de sensibilidade e uma nova experiência. Foi o momento em que a velha psiquê colonial cedeu o lugar a forças espirituais que plasmavam, na alma do ímpeto se devem os movimentos de extraordinária fecundidade intelectual de então no Brasil, muito tempo depois ainda fazendo sentir seus efeitos.

A arte literária em suas diversas faces é enriquecedora para qualquer indivíduo ou sociedade, além de ser uma fonte inesgotável de conhecimento, pois através da literatura é possível constatar diversas nuances, diferentes posicionamentos, vivências e sentimentos tendo contato com o lugar de fala de cada indivíduo ou grupo social, através da leitura dos textos literários. Dessa forma, nos diz Coutinho (2004, p. 31), que “assim, uma literatura surge sempre onde há um povo que vive e sente. É função de seu espírito peculiar” (COUTINHO, 2004, p. 31).

A literatura é uma manifestação indispensável na formação de um povo e também um fator determinando para aqueles que decidem estudar a história de um determinado povo ou conhecer sobre os próprios antepassados, pois dentro dela estão inseridas as lutas, desejos, vivências, entre outras características. Assim, os estudos de Battistin (2009, p. 12) contribuem expressivamente neste contexto, o autor apresenta que,

A literatura diz muito ao historiador sobre a "história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”. Diz que a história não se resume aos fatos realmente sucedidos.

A literatura Brasileira, de um modo geral, passou por diversas fases e transformações, diversas escolas literárias. Assim, a literatura de cordel não ficou estática e mesmo na atualidade, continua a evoluir conforme as tecnologias. As mudanças foram essenciais para que

chegássemos ao formato que temos atualmente, desde sua nomenclatura até o modo de propagação.

Através das pesquisas dos estudiosos da área nos é permitido saber que a literatura de cordel, é uma manifestação artística que perdura desde a antiguidade, pois chega ao solo brasileiro juntamente com os colonizadores, segundo as informações da ABLC:

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc, a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes de “*pliegos sueltos*” (Espanha) e “*folhas soltas*” ou “*volantes*” (Portugal). Florescente, principalmente, na área que se estende da Bahia ao Maranhão esta maravilhosa manifestação da inteligência brasileira merecerá no futuro, um estudo mais profundo e criterioso de suas peculiaridades particulares (ABLC, 1988, *online*).

De acordo com a afirmação acima, é perceptível que há bastante tempo a literatura de cordel é vigente, mesmo quando ainda não se tinha um nome para ela. Segundo Neves (2018, p. 22), “o termo cordel, ou literatura de cordel é também de origem europeia e só passou a ser usual no Brasil na segunda metade do século XX. A população nordestina denominava essa literatura simplesmente de ‘folheto de feira’ ou simplesmente ‘folheto’, ‘verso’ ou ‘romance’”. O nome cordel, é proveniente de cordão, como é de conhecimento de grande parcela social é oriundo da forma na qual eram comercializados, pois em maior parte das vezes os cordelistas iam para as feiras e os livros eram pendurados em cordas ou varais, com isto, o nome popularizou-se.

Conforme Diégues Júnior (1977, p. xvii *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 10)),

O nome literatura de cordel vem de Portugal, e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos [...]. A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas.

De acordo com a afirmação do autor é possível constatar que as raízes portuguesas exerceram forte influência, em nossa poesia, tanto no formato quanto na forma de divulgação.

Com a chegada desta vertente da literatura em nosso país, os autores a adaptaram a realidade e necessidade da região, sendo o cordel por muito tempo o meio de comunicação, que primeiro levava as notícias e com maior credibilidade. Tratando dos diversos assuntos, como a chegada do homem à lua, ataque às torres gêmeas entre outros assuntos. De fato o cordel exercia o papel de transmitir informações para os locais de difícil acesso, o qual outro meio não chegaria.

Diégues Júnior (1977, p. xvii *apud* TEIXEIRA, 2008, p. 14) traze-nos as seguintes afirmações:

Instrumento de comunicação, alargou-se depois à divulgação dos fatos acontecidos, coisas de que a população não podia ter conhecimento senão por essa forma. Rádio não existia; jornal era raro. Quando este chegava, levado dos grandes centros – Recife ou Fortaleza, por exemplo – com o atraso normal dos meios de transporte de então, já o folheto se antecipava na divulgação do fato. Tornava-se o folheto o elemento mais expressivo para que os acontecimentos chegassem ao conhecimento de todos, lidos nos mercados, nas feiras, nos serões familiares.

Com base nessa característica do gênero Cordel, é possível fazer a ligação entre outros gêneros literários, como a crônica e o jornalismo opinativo, pois estes relatam o cotidiano em detalhes e na ordem em que cada fato ocorreu, a distinção evidente entre eles, e musicalidade particular da literatura de cordel.

Segundo nos aponta Teixeira (2008, p. 29),

[...] a literatura de cordel brasileira à crônica. Não só porque as duas têm características tão próprias nacionais, mas também porque dentre os estilos de cordel, como já dito, tem-se o cordel circunstancial, que trata de fatos. A crônica, dentre os estilos de jornalismo opinativo, é a de texto mais poético, fala de acontecimentos, mas fica clara a opinião do cronista. Como os cordéis circunstanciais, nos quais os poetas expressam a sua opinião sobre determinado assunto que está pautado na mídia, fazendo sua crítica quase sempre de forma satirizada, mostrando revolta, tristeza, admiração, enfim, diversos sentimentos são postos à tona nos versos dos cordéis. O cordelista é o cronista popular.

Passada esta fase de ser um dos maiores transmissores de notícias, com a chegada de novas tecnologias, os cordelistas notaram que os temas principais dos cordéis teriam que ser alterados, pois outros meios de comunicação informariam com maior agilidade e as informações que, até então, eram divulgadas por meio dos cordéis chegariam atrasadas, perdendo assim, esta função tida como principal, porém os cordelistas não anularam esta vertente dos folhetos, pois estes continuaram a narrar acontecimentos importantes e problematizando-os assuntos que continham relevância para o público-alvo.

Deste modo, a forma da escrita, os temas, gravuras, modo de propagação e entre outras características da literatura de cordel foram modificando-se com o passar do tempo, e procurando adequar-se ao momento cultural em que estava situado, tornando-se assim uma arte sempre atual, e necessária. Sabe-se que o fato da evolução tecnológica não afetou somente a literatura de cordel, mas todas as vertentes artísticas pode-se tomar como exemplo, o teatro e o

cinema que mesmo com a avalanche tecnológica não deixaram de ser importantes, mas adaptaram-se ao tempo vigente.

2.3 A literatura de cordel em sala de aula

O âmbito educacional é para muitos indivíduos a principal ou única fonte de conhecimento. Com isso, é necessário que a escola contribua na formação socioeducacional de cada estudante. E, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998, p. 63),” para estar em consonância com as demandas atuais da sociedade, é necessário que a escola trate de questões que interferem na vida dos alunos e com as quais se vêem confrontados no seu dia-a-dia”. Desse modo, considerando a pluralidade e diversidade de temas presentes na literatura de cordel, trabalhar com esta temática na sala de aula contribui para possibilitar que o aluno faça inferências e reflexões dos usos da língua(gem) e compreenda as diferentes faces e expressões literárias, afim de que haja uma maior valorização da cultura popular e da literatura de cordel.

Assim os PCN (1998, p. 45) explicam:

A possibilidade de interrogar o texto, a diferenciação entre realidade e ficção, a identificação de elementos discriminatórios e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência sobre a intencionalidade do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir. A compreensão crítica depende em grande medida desses procedimentos.

Dessa maneira, é constatada a importância de contextualizar textos que instiguem o estudante a refletir, e analisar o meio social em que está situado. Com isso, a literatura é um fator de grande contribuição, de modo particular os poemas de cordéis, por tratarem de temas de grande relevância, e de fácil identificação, podendo assim aproximar-se da realidade dos indivíduos. Santos Junior (2017, p. 1) apresenta que,

Um dos grandes desafios a serem enfrentados pelos professores do Ensino Médio é realizar em sua prática docente uma aproximação mais efetiva entre o que se estuda na teoria e aquilo que se exerce no cotidiano escolar. Talvez, esse desafio deva-se ao fato do ensino de literatura, na maioria das vezes, acontecer em um espaço no qual a leitura não seja privilegiada, condicionando o ensino a um patamar historiográfico e teórico.

Dessa forma, se faz necessário que as instituições escolares, façam o uso da literatura como elemento de conscientização e conhecimento, utilizando de poemas que falem de luta,

que denunciem os males da sociedade, e assim, que a literatura seja admirada, tornando-se principalmente uma ponte para as reflexões dos estudantes.

Com isso, relataremos brevemente situações vivenciadas no período dos Estágios Supervisionados, disciplinas ofertadas pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, pois foi percebido que a literatura era pouco trabalhada e com os estudantes, tanto do Ensino Médio na Escola Francisca Rosa da Costa, quanto no Ensino Fundamental II, na Escola Municipal de Educação Básica José Correia dos Santos. O contato com a literatura ocorreu de forma fracionada, fora do contexto e limitava-se a historiografia, listando datas, nomes e escolas literárias. Este fato agrava-se no momento de se trabalhar o cordel, e poesias do poeta Patativa do Assaré, a literatura de cordel não era apresentado como arte e sua essência não adentrava as salas de aula. Não era instigado nos alunos o desejo de ter mais contato com a literatura, pois não foi identificado em momento algum contato com as obras, e sim com recortes, por vezes descontextualizados. Este fato abre espaço para uma grande discussão que não caberia neste trabalho, pois é uma problemática que envolve vários setores da educação, desde formação docente, horas/aula sobre literatura, recursos, e diversos outros fatores para que a literatura obtenha o espaço necessário no âmbito escolar.

2.4 A literatura de cordel como tradição poética

O cordel é uma importante manifestação da literatura popular brasileira, pois este consegue chegar a lugares e indivíduos que pouco contato possui com a alfabetização ou normas literárias, este fato é perceptível visto que boa parte dos grandes autores da literatura de cordel são analfabetos ou semianalfabetos. Nas pequenas comunidades rurais, não é raro encontrar alguém que trace rimas, e redijam cordéis com maestrias, este fato, pode estar intimamente ligado a liberdade que esta vertente literária proporciona, uma espécie de liberdade na escrita, que não foge à rima, e por vezes permanece com a métrica.

Assim, podemos evidenciar neste trecho do poeta Patativa do Assaré: “Eu dêxo as línguas de lado Pra quem as língua aprendeu, E quero a licença agora Mode eu contá minha histora Com a língua que Deus me deu” (ASSARÉ, 2003, p. 58). O autor, sabendo que não pertence a norma culta da língua, pede licença, para rimar da maneira que sabe, com o escasso conhecimento gramático que possui, porém não demonstra vergonha ou sentimento de diminuição de si próprio, ao contrário, Patativa e outros autores, transparecem orgulho do modo

de escrita de seus versos. Desta maneira tem-se a afirmação de Nogueira (2017, p. 35/36), na qual diz que,

Patativa do Assaré superou a velha dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual. Pode-se dizer que trabalho braçal e trabalho mental se confundem no sertanejo, já que o poeta sempre compôs seus versos enquanto lavrava a terra. A poesia, para ele, baseia-se em conhecimentos adquiridos pela observação e pela experiência de vida. Não se trata, portanto, de poeta neutro simples e observador, mas de porta-voz não conhecimento de vida pautado no cotidiano.

É relevante, e ao mesmo tempo interessante o fato de que mesmo a literatura e literatura de cordel ser pouco explorada nas instituições escolares, como já explanado acima, percebe-se que esta vertente literária consegue chegar aonde outras faces da literatura não chegariam, seja por meio da propagação oral, ou de escritos em folhetos, este é o caso de muitos cordelistas, que nunca tiveram contato com obras literárias e suas características de construção como: rimas, estrofes, musicalidade entre outros fatores característicos. Nesse contexto, tem-se o conhecimento de alguns cordelistas locais sendo eles: César Manoel Conrado, Manoel Antônio Conrado e Júlia Generosa dos Santos. Com cada um desses poetas locais foi feita uma pequena série de perguntas, e conversas sobre um pouco de cada coisa, como é característico dos diálogos do interior.

Começando por César Manoel Conrado, iniciou-se com a indagação sobre quem é ele, sua resposta foi: “Cristão, pai de família, um professor apaixonado pela profissão, dedico-me a ora do Senhor, e um profissional dedicado” (CONRADO, 2020). Foi considerado interessante o fato do mesmo não incluir em sua autobiografia, o fato de ser escritor e nem poeta mesmo tendo escrito um livro, e produzido vários poemas. Ao ser indagado pela origem de sua inspiração para escrever, respondeu:

Não sei te explicar, as vezes tenho outras vezes não, por exemplo nos eventos da igreja e escola, por muitas vezes me esforcei para escrever e não conseguia, e de repente em cima da hora, eu conseguia fazer, as vezes penso que sou guiado pelo Espírito Santo, isso para mim é sem explicação (CONRADO, 2020).

Questionamos também sobre a importância da literatura em sua vida, ele respondeu que “a literatura me torna uma pessoa feliz e realizada, me completa, faz eu ter orgulho de mim, me ajuda a me aproximar das pessoas, me torna uma pessoa popular e admirável, sem a literatura o mundo ficaria mais feio, sem cor e sem alegria” (CONRADO, 2020).

A peregrinação de São Francisco no Sinimbu
 “Eu vou contar para vocês
 Uma história real
 Da visita de uma imagem
 Há um povoado especial

Foi no dia 3 de agosto de 2013
 Que a imagem lá chegou
 Era de São Francisco de Assis
 O santo que leva o amor

Ele vinha da gangorra
 Lugar que fomos buscar
 Depois de uma missa de envio
 Que o Padre Reginaldo foi celebrar

[...]”
 (CÉZAR MANOEL CONRADO, 2013, p. 1).

Este é o único poema publicado por Cézar M. C. com trinta estrofes e quatro versos, foram publicados 80 unidades, no ano de 2013, dos quais 72 foram vendidos ao valor de R\$: 2,00 no povoado Sinimbu e nas comunidades vizinhas, ele relata que já perdeu as contas de quantos poemas compôs, alguns escreveu, outros ficou somente na forma oral. O primeiro contato do cordelista com a literatura de Cordel foi quando ainda era criança, por meio de um Senhor chamado “Josá”, que lia os cordéis todos os fins de semana, Conrado (2020) lembra que todos da família juntavam-se ao redor para ouvir os romances, como o cordel era conhecido na época, o primeiro poema que despertou a paixão nele foi o do “*Pavão Misterioso*”. Até o momento não decidiu aprofundar seu conhecimento sobre as estruturas dos poemas, e acha que sua escrita ficaria mais presa se fosse escrever em algum formato. Relatou-me o desejo de publicar algumas produções com seus alunos, a comunidade se encanta com cada produção feita pelo jovem cordelista. O último poema que redigiu foi sobre as mães, publicado em suas redes sociais, no dia dez de maio de 2020.

Homenagem as Mães
 Falar de mãe é fácil
 É só abrir o coração
 Falar tudo que ela representa
 Com verdade e emoção

Mãe é vida, carinho e correção
 Mãe é cheiro de rosas
 Mãe é aconchego
 E dedicação

Mãe, é sempre colo, cuidado e amor
 Mãe é a melhor coisa que Deus assim já criou
 À todas as mães do Sinimbu eu quero homenagear
 Com esses simples versos que acabei de criar

[...]
 (CÉZAR MANOEL CONRADO, 2020, *online*).

O Manoel Antônio Conrado é um senhor de 72 anos, viúvo, agricultor pai de três filhos, entre eles Cézar Manoel Conrado, ele sendo de poucas palavras não quis falar muito sobre suas produções, sendo elas todas orais, pois ele não sabe escrever e nem ler, nunca teve a oportunidade de frequentar a escola. Seu contato com o cordel foi parecido com o do seu filho, ouviu um romance na infância e também começou a recitar, porém os dois alegam que um não recebeu influência do outro. O senhor Manoel, em tom descontraído afirmou que para inspirar-se toma uma “*dosezinha*”, e assim as rimas surgem com maior facilidade. Segundo o próprio tem mais de vinte romances (poemas), mas o seu preferido é sobre a construção da Usina Hidroelétrica na cidade de Paulo Afonso – BA, que compôs no período em que trabalhou na empresa. No momento que conversamos não foi possível registrar seus poemas.

A partir desses pressupostos, presume-se que a identidade nordestina está resguardada em seus ritos e tradições mantidas até hoje em forma de canções populares. Como exemplo dessas canções, dentre as mais conhecidas, temos a Literatura de Cordel, [...] Estes textos trazem elementos que são parte constitutiva do cotidiano das pessoas que os consomem, fato importante na obtenção de leitores, mas sua importância não se restringe apenas à representação de temas do cotidiano, trata-se de uma literatura que reúne a história de indivíduos e abrange temas universais, consolidando a identidade de comunidades inteiras, o que em muito contribui para a conservação da memória cultural nordestina (BRASILEIRO e SIILVEIRA, 2013, p. 4).

Diante das afirmações acima, percebe-se a importância da propagação de todas as vertentes literárias e de um modo especial a literatura de cordel, que por questões indenitárias aparentam mais acessibilidade e assim o interesse popular, de letrados ou não, contribuindo desta forma para que esta tradição literária continue a ser passada para gerações futuras. E, a última personalidade é a cordelista Júlia Generoza dos Santos, residente no sítio Santo Antônio, Jatobá- PE, com 87 anos mãe de dez filhos, casada, mesmo com pouco grau de escolaridade, alfabetizou os filhos, vizinhos e lecionou alguns anos a serviço do município. Dona Júlia, como é conhecida na pequena comunidade, exerce um papel importante, seus versos estão sempre presentes nas celebrações de datas especiais. Foi tema da dissertação de sua neta Marizete do Carmo Santos, no qual a mesma pesquisava sobre um fato histórico, que marcou profundamente

aquela região, a desterritorialização dos sítios ribeirinhos para a construção de uma usina, estes relatos estão subdividido em três partes, nomeados como: *Romance da tristeza*, *Romance da União e Romance da alegria*.

Romance da tristeza
 É um povo Brasileiro
 O Nosso sofrimento
 Está até no estrangeiro
 O povo passando fome
 No mais cruel desespero

Aqui em minha terra
 Só se ver revolução
 Que a Chesf atrapalhou
 As nossas invocações
 Dos pobres agricultores
 Agora está um horror
 Para se ganhar o pão

Meu Senhor vou ti contar
 O sofrimento do povo
 Por esta tal de Barragem
 As mulheres com os maridos
 E os filhinhos com seus pais
 Uns gritavam mamãe
 Outros diziam papai
 [...]
 (GENEROZA, 1972, p.1).

No decorrer de todo o poema é possível constatar o sofrimento de um povo, que provavelmente cairia no esquecimento ou as gerações futuras não conheceriam se por acaso Dona Júlia não escrevesse tais casos. De acordo com as contribuições de Santos (2013, p. 63) é evidenciada a situação vivida por aquele povo, por meio do relato de Dona Júlia:

[...] Sofrimento, só sabe Deus e nós, eu que vi [...] Eu gostava da minha casa, eu que carreguei as telhas da minha casa da beira do rio prá botar nessa daqui eu com meus filhos pequenos, cada um com duas telhinhas e eu com cinco até aqui. [...] E vi muito sofrimento, mulher dá passamento no livrinho que eu escrevi tá tudo, homem abraçar parede de casa, mulher chorar pedindo socorro pro marido.

Dona Júlia relata que as pessoas da época estranhavam o fato dela escrever e versar sobre os acontecimentos, além de receber várias ameaças de políticos locais:

Eu tinha muito medo, porque eu era uma mulher carregada de filhos [...] Me assombraram, depois que eu fiz este cordel [...] Agenor vereador que morava na Umburana foi um livrinho pra ele e ele disse: que eu ia ser processada que eu não tinha direito e nem tinha documento [...] (SANTOS 2013, p. 58).

Escrever e versar para a Dona Júlia, sempre foi um ato de amor e resistência, mesmo com tantos desafios ela sempre buscou supera-los, segundo ela hoje colhe a recompensa, de seus escritos serem reconhecidos em sua pequena comunidade, e ser sempre procurada para produzir cordéis, mesmo pelos mais jovens.

As representações veiculadas nos folhetos de cordel como detentoras de uma identidade cultural nordestina. Observa-se, então, que a preservação dessa cultura nordestina, com a manutenção de suas tradições por meio da cultura oral, auxilia na constituição da identidade do Nordeste como lugar dos poetas populares, cantadores de sua própria história. É a partir daí que se consegue visualizar que as vozes cantadas no sertão possuem uma história e nela deixam transparecer suas tradições, vivências passadas de geração a geração. A preservação dessa memória é importante no fortalecimento da construção identitária do povo nordestino, bem como auxilia na interpretação das representações sobre esse sujeito (BRASILEIRO e SIILVEIRA, 2013, p. 5).

Por meio das afirmações explanadas acima e dos pequenos diálogos com alguns dos cordelistas da região, constata-se a necessidade da conservação e propagação desta vertente literária de grande importância para o nosso país e de um modo especial para a região Nordeste, não somente para relatar fatos históricos passados, mas para manter esta tradição que muito enriquece cada leitor e escritor.

Desse modo, percebe-se a importância da adequação da literatura de cordel ao momento em que estamos situados, na atualidade quase nunca as famílias reúnem-se para ouvir ou contar histórias, a característica jornalística do cordel perdeu-se aos poucos, com a chegada de outros meios de comunicação mais rápidos, e então um meio de manter a literatura de cordel viva são as mídias sociais, as quais contém os poemas no modo escrito e oral, e de fácil alcance para aqueles que produzem e para o público.

3 O CANTO DO POETA SERTANEJO

3.1 A vida poética de Antônio Gonçalves da Silva

No sertão cearense, mais precisamente no sítio de Santana, no município de Assaré, em 05 de março de 1909, nascia o Antônio Gonçalves da Silva, que mais tarde recebeu o nome de Patativa do Assaré. Filho de Pedro Gonçalves da Silva, e Maria Pereira da Silva, herdou de seu pai a profissão de agricultor, perdendo-o com 8 anos de idade, e tendo que trabalhar um tanto mais no pequeno roçado junto com seus irmãos, aos 4 anos em meio a um surto de sarampo e em seu período de dentição, perdeu a visão de um olho. Frequentou uma escola com recursos escassos, e professor com pouco conhecimento, passou um período de apenas 4 meses, porém saiu do âmbito estudantil dominando a escrita e a leitura, interessava-se por livros de poesias matutas e eruditas, jornais, e revistas que debruçassem sobre assuntos do sertão.

Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze para quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois os sentidos de tais versos era o seguinte: brincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos que deixavam o mato estragar o plantio das roças, etc. Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam. Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim. Quando eu estava nos 20 anos de idade, nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no Estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar dos meus versos, veio à nossa casa, e pediu a minha mãe, para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. [...] Passei naquele estado apenas cinco meses, os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei (ASSARÉ, 2003, p.11).

Por meio de sua autobiografia, Patativa revela que ainda na adolescência mesmo com pouco conhecimento escolar começou a produzir versos, porém não tinha o intuito de seguir o caminho de poeta, provavelmente por inicialmente não reconhecer seu talento como autor de poesias, limitava-se à cantoria e versos entre amigos em tom de descontração, e por meio da viagem ao Pará com seu parente, teve contado com outros poetas, e partir deste momento seu nome começou a espalhar-se, e sua poesia a ser disseminada, para além do sítio de Santana.

De volta do Pará, José Carvalho deu uma carta de recomendação, para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno que, recebendo a carta, acolheu-me com

muita atenção em seu salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei aqui na serra de Santana, continuei com a mesma vida de pobre agricultor; depois casei com aparenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei do meu pai (ASSARÉ, 2003, p.12).

Chegando de sua viagem ao Pará, Patativa é recomendado a filha de Juvenal Galeno, o qual vai ao encontro da mesma, em uma produção de Rosemberg Cariry Patativa demonstra a sua admiração pelo poeta “Eu tive a glória, tive o prazer de ver de perto Juvenal Galeno, parecia assim uma visão ele trajado de branco, a barba bem branca também, numa rede branca, uma beleza viu?! Eu passei muito tempo olhando pra ele, não que tivesse conversado, por que ele não tava conversando com ninguém”. (CARIRY, 2007, *online*). Este poeta por quem Patativa sempre demonstrou grande admiração, e teve sua poesia marcada pela influência de Juvenal Galeno, pode-se constatar em seu poema “Seu dotô me conhece?”

Seu dotô me conhece?
[...]
Sou ele todo, em carne e osso,
Muntas vêz não tenho armôço
Nem também o que jantá;
Eu sou aquele rocêro,
Sem camisa e sem dinheiro,
Cantado por Juvená.

Sim, por Juvená Galeno,
O poeta, aquele geno,
O maior dos trovadô
Aquele coração nobre
Que a minha vida de pobre
Munto sentido cantou.

Há mais de cem ano eu vivo
Nesta vida de cativo
E a protreção não chegou;
Sofro munto e corro estreito
Inda tou do mermo jeito
Que Juvená me deixou.
[...]
(ASSARÉ, 2003, p.114).

A simplicidade de Patativa do Assaré, foi conservada até o final de sua vida, um homem comum, com família simples, tendo um total de 14 filhos, porém somente 7 chegaram a fase adulta, que demonstrava satisfação e alegria pela vida simples que levava. Em muitos cordéis a vida e obra de Patativa parecem se misturar, ele cantava o belo que tinha ao seu redor, em sua

poesia há sempre um espaço para demonstrar sua fé na Igreja Católica, na Virgem Maria, no Deus que detém toda soberania, e nos Santos, como é perceptível em um dos seus poemas:

Saudação ao Juazeiro do Norte.
 [..]
 Juazeiro, Juazeiro
 Jamais a adversidade
 Extinguirá o luzeiro
 De tua comunidade.
 Morreu o teu protetor,
 Porém a crença e o amor
 Vive em cada coração
 E é com razão que me expresso
 Tu deves o teu progresso
 Ao Padre Cícero Romão.

Aquele ministro amado
 Que tanto favor nos fez,
 Conselheiro consagrado
 E o doutor do camponês,
 Contradizer não podemos
 E jamais descobriremos
 O prodígio que ele tinha.
 Segundo a popular crença,
 Curava qualquer doença
 Com malva branca e jarrinha.
 [...]
 (ASSARÉ, 2007, p.238).

Além de demonstrar um forte Cristianismo em seus poemas, na sua vasta obra encontra-se também, valorização, das belezas naturais, e uma pertinente luta pelos menos favorecidos, mesmo em tempos em que a ditadura ameaça à todos aqueles que pensassem de forma diferentes, poetas denunciadores dos males sociais, como Patativa era uma grande ameaça aos poderosos. Patativa declarava-se socialista de coração, sempre buscava conhecimento sobre o assunto, por meio de livros e em meio aos grupos sociais ligados à movimentos de esquerda, declarava-se um homem revoltado com as injustiças causadas por conta da falsa democracia, e se mostrava esperançoso para que este cenário de desigualdade se extinguisse da nação brasileira.

Enquanto isso, em todo o Nordeste entravam em ebulição as lutas populares por direitos sociais. Patativa do Assaré engajou-se nesses movimentos, notadamente nas Ligas Camponesas e na luta pela reforma agrária. A sua voz, já com forte conotação socialista, vinda das suas leituras sobre o marxismo, ergueu-se como uma voz coletiva. O canto de Patativa, nesse momento, trouxe uma consciência e um estágio histórico e cultural do povo nordestino. A

primeira oportunidade de edição de um livro dos seus poemas surgiu a partir de um recital realizado na Rádio Araripe, do Crato (REBOUÇAS, 2017, P.18).

Patativa utilizava seus poemas como um método de conscientização, sobre as desigualdades, alertando sua classe social que os sofrimentos causados pela pobreza e falta de oportunidades não eram desígnios divinos, mas sim provenientes dos investimentos políticos mal divididos e fruto das corrupções governamentais. Assim, fazendo uso de sua popularidade Patativa enfatizava e intensificava a luta pelos direitos da sua classe social, estando presente ativamente em momentos históricos dos movimentos populares, o poeta recitava a vivencia do povo camponês, e de todos aqueles que penavam com as situações desiguais, em que cada indivíduo foi inserido.

Reforma agrária

Pobre agregado, força de gigante,
Escuta amigo o que te digo agora,
Depois da treva vem a linda aurora
E a tua estrela surgirá brilhante.

Pensando em ti eu vivo a todo instante,
Minha alma triste desolada chora
Quando te vejo pelo mundo a fora
Vagando incerto qual judeu errante.
[...]
(ASSARÉ, 2007, p.218).

Reforma agrária é um dos temas que mais foram citados nos cordéis patativianos, ele acreditava que só após uma reforma, as mazelas que foram construídas socialmente iriam começar a desaparecer, Patativa era um homem de luta que com seus poemas ganhou grande representatividade neste movimento, com isso, não limitava-se a escrever, estava sempre que podia ao lado do povo e companheiros de movimento.

Em resumo, a temática central em Patativa do Assaré são os contrastes da vida sertaneja com suas belezas e sofrimentos, manifestando uma luta em um protesto contra a injustiça social. O discurso Patativiano é de ação social, tendo em vista que o poeta é sensível a sua dor, a labuta dos que sofrem e pelem pela sobrevivência. O Deus que permeia toda sua poesia está do lado dos pobres, dos humildes, incentivando o homem à luta. O Poeta assim, não observa apenas a seca, mas também a falta de assistência educacional do homem sertanejo pelo Estado, o que segredo é essa gente a um estado de miséria de analfabetismo (NOGUEIRA, 2017, p.29).

Percebe-se por meio das afirmações acima, que a vida de Patativa foi distinta do que esperava-se, sendo ele um pobre agricultor, semianalfabeto, com a visão reduzida, poderia ter destinado sua vida, igualmente à dos seu pai e seus irmãos, mas a inquietude da poesia, nele aflorou-se o tirando da zona de conformismo, e o transformando em um poeta cidadão, como o nomeou o escritor, e amigo pessoal o Gilmar de Carvalho.

3.2 As obras de Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva, além de escrever vários poemas, teve muitos deles musicados, e por conta de sua voz sonora, recebeu o nome artístico de Patativa do Assaré, sendo este originário de um pássaro de pequena estatura que detém de um canto melodioso e fino, e Assaré a cidade em que nasceu, e viveu durante toda a sua passagem por esta terra. Dentre tantas canções tem-se como exemplo o mais conhecido dos poemas musicados a toada gravada pelo “rei do baião” Luiz Gonzaga, nomeado de A triste partida. Patativa já era bastante conhecido na região do Cariri, porém com a gravação de Luiz Gonzaga seu nome ganhou destaque nacional, devido ao grande sucesso da música, que alavancou um tanto mais a carreira de Gonzaga. Neste poema, como em tantos outros, Patativa denuncia as desigualdades, e a triste realidade de muitos nordestinos, de outrora e da atualidade que deixam sua terra, e partem em busca da sobrevivência, nas regiões mais ricas do país, como afirma Rebouças (2017, p. 18), quando diz que:

Em 1953, durante a grande seca, Patativa do Assaré compôs o poema-canção A triste partida, gravado e imortalizado pela voz do cantor e compositor Luiz Gonzaga, conhecido como “rei do baião” em 1964, em um dos mais importantes discos da carreira dele. Essa canção se transformou em uma espécie de hino lírico e de denúncia política da situação do nordestino, obrigado a viver como escravo no “Norte e no Sul.” As condições de exploração capitalista eram tão difíceis para o nordestino quanto a situação que viviam nos latifúndios (REBOUÇAS, 2017, p. 18).

Este poema um dos mais ouvidos de Patativa do Assaré, retrata a situação de inúmeros nortistas e nordestinos, que mesmo contra a vontade partem em busca da sobrevivência, na maioria das vezes no Sul do Brasil. Esta migração continua a acontecer com grande frequência na atualidade, ocasionadas pela falta de oportunidades de empregos, e fontes de rendas, e assim, esta partida da terra natal é tida como única alternativa de melhoria de vida no aspecto financeiro.

A triste partida
 Setembro passou, com outubro e novembro,
 Já tamo em dezembro.
 Meu Deus que é de nós?
 Assim fala o pobre do Seco nordeste,
 Com medo da peste,
 Da fome feroz.

[...]
 (ASSARÉ, 2007, p.218).

Além deste sucesso outros poemas também foram musicados e gravados por cantores de renome nacional, como Raimundo Fagner, com Vaca estrela e Boi fubá, Myrlla Muniz com o poema Casinha de palha, Seu Dotô me conhece? na voz de Mário Mesquita e entre outros artistas. O diferencial de Patativa do Assaré contribuiu bastante para que os cantores, buscassem seus poemas para musica-los, pois além de suas temáticas serem de grande relevância para a sociedade, com linguagem acessível os seus poemas contém uma musicalidade poética autêntica.

A voz de Patativa possui flexões e modulações, entonações e onomatopeias que a escrita não alcança com perfeição, canta ais, gemidos e pausas que complementam o significado, há uma preocupação pela palavra e a voz que, juntas, criam a performance, que somado a voz ganha movimento, produzindo sentidos (REBOUÇAS, 2017, p. 17).

Apesar da idade avançada, e com a mobilidade reduzida proveniente de um acidente sofrido na capital Fortaleza, Patativa sempre que podia estava presente nas gravações de músicas, e shows artísticos. Mostrando-se sempre receptivo, e acolhedor aos que buscavam por informações de sua vida tão simples, e de sua obra tão vasta e diversificada com grandes riquezas. Patativa ainda em vida também recebeu canções em sua homenagem, uma delas intitulada Passarim do Assaré dos cantores Amelinha e Raimundo Fagner, este que gravou outro poema Patativiano além de Vaca estrela e boi fubá, o poema Sina, e a partir daí outros artistas também gravaram.

Felizmente, muitos estudiosos e indivíduos que interessaram-se pela poesia de Patativa, esforçaram-se para a eternizarem-na, por meio de livros, artigos, músicas, poemas, museu, entre outros modos, e também em um modelo cinematográfico, produzido pelo também cearense e cineasta Rosemberg Cariry, o Longa-metragem, documentário de 84 minutos, realizado por Cariri filmes em parceria com ilumina filmes, contendo partes com imagens em preto e branco e outras imagens coloridas, dependendo do momento da gravação, que deu-se em torno de 27

anos, esta obra é intitulada *Patativa do Assaré-Ave Poesia*, reúne informações, imagens e momentos importantes da vida pessoal, e ativista político.

No filme, a realidade ordinária é transfigurada pela poética das velhas imagens e pela oralidade das palavras. As palavras do poeta Patativa revelam e dão novos significados às imagens, e, assim, palavras e imagens nos mostram a história e a vida, na qual nos inserimos, como membros que somos desta fabulosa comunidade de destino que chamamos Brasil. O equilíbrio entre as imagens de arquivo, do cotidiano do poeta, da cultura popular e dos acontecimentos sociais e políticos dão ao documentário um ritmo uma viva pulsação de emoções e idéias (CARIRY, 2009, online)

Diante da vasta obra de Patativa do Assaré, alguns livros recebem um destaque especial; sendo estes, *Inspiração nordestina* (1956), *Cante lá que eu canto cá* (1978), e os discos *poemas e canções* (1979), *A terra é naturá* (1981), *Ispinho e fuló* (1988), *Canto nordestino* (1989), *Balceiro* (1991), *Aqui tem coisa* (1994), *Digo e não peço segredo* (2001). Tem-se ainda um número incerto de folhetins de cordéis de sua autoria. Sabe-se pois que as condições financeiras do autor eram precárias, e o mesmo enfrentou várias barreiras em sua vida literária.

Desse modo, parte-se agora para pontuar sobre as publicações das obras do poeta cearense, que ocorreram de modo vagaroso, apesar de Patativa ter iniciado seus versos com apenas 12 anos de idade, as publicações ocorreram muito tempo depois, e o próprio autor não tinha refletido sobre o assunto, mesmo tendo um bom volume de poemas. Dessa maneira os cordéis de patativa estavam somente no modo oral, podendo perder-se no decorrer do tempo, além do mais, tendo ele pouco conhecimento na área editorial, a oportunidade da publicação estava distante de concretizar-se, até que o poeta teve seu primeiro contato com José Arraes de Alencar, que juntamente com outros parceiros, convenceram Patativa à publicar o primeiro livro, chamado de *Inspiração nordestina*, neste sentido, tem-se as contribuições de Nogueira (2017, p. 21):

O encontro com José Arraes de Alencar, que o ajudou a publicar o seu primeiro livro. O estudioso de línguas residir no Rio de Janeiro, porém passava as férias no Cariri, revendo a terra natal, e ouviu, na Rádio Araripe, Patativa do Assaré recitar seus poemas. Entusiasmado, o estudioso procurou pelo poeta e o convenceu a publicar seus versos em livro, acreditando que seria uma enorme perda se toda a poética patativiana desaparecesse, pois nunca fora transcrita. Apesar da falta de recursos, Patativa aceitou o projeto de publicação. Arraes se encarregou da parte financeira junto ao editor Borsoi, no Rio de Janeiro, enquanto um amigo seu, Sr. Moacir Mota, filho do folclorista Leonardo Mota, datilografava os poemas que Patativa do Assaré ditava em seus encontros no Crato. Assim, surge, em 1956, *Inspiração Nordestina*, que representou um momento inaugural na vida literária do poeta.

Com a venda dos exemplares, feita muitas vezes pessoalmente pelo poeta, pagou-se o investimento.

Dessa maneira, o poeta de Assaré por conta de seu baixo recurso financeiro, temia em não alcançar o êxito com a publicação de seus poemas no formato de livro, e somente depois da publicação deste, deu-se início de forma vagarosa ao seu reconhecimento como poeta, estes fatos ficam nítidos em suas falas, como pode-se constatar em seu depoimento à Rosemberg Cariry:

Você tem poema que dá um volume?” Eu digo: “Tenho.” Eu digo: “Doutor, e se o livro não tiver sorte, como é que eu pago essa despesa?” Aí ele riu. Bem, com a saída desse livro, que foi *Inspiração Nordestina*, foi que começou a minha divulgação como poeta. Eu devo ao Doutor José Arraes de Alencar, que foi o meu grande protetor, dentro desse tema (CARIRY, 2007, online)

Depois da publicação, de *Inspiração nordestina*, foi a vez da obra *Cante lá que eu canto cá*, considerada por alguns estudiosos, uma de suas maiores obras, passando a ser apreciado por professores, acadêmicos, e estudiosos da área literária, os convites para a participação em eventos eram cada vez mais frequentes.

Em *cante lá que eu canto cá*, o poeta finalmente publicou "Cabloco roceiro". Trata-se portanto, de um livro com dois poemas importantes, um que levou Patativa do Assaré à cadeia, e outro que o poeta teve que esconder-se para não ser preso novamente. *Cante lá que eu canto cá* tornou-se o seu livro mais conhecido, contando com um esquema de distribuição para todo o Brasil. No poema que dá nome ao livro, o poeta expõe sua filosofia de vida e de mundo, revelando a consciência de ser porta-voz do universo rural (NOGUEIRA, 2017 p. 22).

Patativa fez de sua obra um instrumento de denúncias de situações que assolavam a vida do povo sertanejo, as quais incomodavam os que lideravam os sistemas políticos da época, por se tratar de poemas evidenciava a realidade dos camponeses que dedicavam-se inteiramente ao roçado sem tempo e nem oportunidades de estudo, ou saúde de qualidade. Estes indivíduos viviam na miséria com um certo conformismo, pois não percebiam que a causa das desigualdades eram provenientes das ações governamentais.

Cante lá que eu canto cá.
[...]
Sua rima, inda que seja

Bordada de prata e ôro,
 Para a gente sertaneja
 É perdido esse tesôro.
 Com seu verso bem feito,
 Não canta o sertão dereito,
 Porque você não conhece
 Nossa vida aperreada.
 E a dô só é bem cantada,
 Cantada por quem padece.

[...]
 (ASSARÉ, 2003, p.276).

O terceiro livro de Patativa do Assaré tem por título *Ispinho e fulô*, e assim como *Cante lá que eu canto cá*, possuem um cordel com estes próprios títulos. Com a publicação desta obra, Patativa consolidou-se no meio acadêmico, o qual abriu espaço para as publicações das obras seguintes, e ocasionou um maior reconhecimento da sua poética, o levando a receber vários prêmios e títulos.

No entanto, é a partir da década de 1980, mais notadamente na década de 1990, que cresce o reconhecimento nacional de Patativa do Assaré, com fortunas críticas dos seus livros publicados nos principais jornais do país (*Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo*, entre outros,²⁹) começou o seu processo de reconhecimento acadêmico. Houve a publicação de várias teses e monografias sobre sua obra, bem como a concessão ao poeta do título de *Doutor Honoris Causa* pelas Universidade Regional do Cariri – URCA, Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade Federal do Ceará – UFC (REBOUÇAS, 2017, p. 26).

Como é evidenciado na afirmação acima, o reconhecimento da obra patativiana, ocorreu de maneira vagarosa, porém significativa, o qual recebeu diversos títulos e premiações, vale salientar que ser reconhecido não era maior desejo do autor, mesmo sabendo da importância de seus poemas. A obra *Ispinho e Fulô*, reúne poemas de grande relevância, como: Reforma agrária, Inleição direta 84, Nordeste sim, nordestino não, e entre outros.

Ispinho e fulô
 [...]
 Até a propa criança
 Tão nova e tão atraente
 Conduzindo a mesma herança,
 Sai do seu berço inocente,
 Se passa aquele anjo lindo
 Hora e mais hora se rindo
 E algumas horas chorando,

É aquela criatura
 Já tem na inocência pura
 Ispinho lhe cutucando.
 [...]

(ASSARÉ, 2007, p.203).

As publicações dos livros de autoria de Patativa continuaram, cada uma com suas particularidades porém sem enfrentar tantos desafios como ocorrera nas primeiras obras. Além de livros de Patativa, iniciaram-se estudos mais aprofundados sobre sua poética, desencadeando publicações de várias obras, de grande relevância e contribuição para que os cordéis do poeta de Assaré continuem encantando e do mesmo modo influenciando novos cordelistas e as próximas gerações, algumas obras resumidamente são:

[...]Luiz Tadeu Feitosa, mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (2002), publicou dois livros importantes. O primeiro deles foi *Patativa – a trajetória de um canto* (2003).³² O segundo livro foi um álbum com poemas, entrevistas e análises da obra de Patativa, ilustrado por fotografias de Robson Melo, intitulado *Digo e não peço segredos*.³³ O livro foi possível graças às muitas horas de entrevistas realizadas com Patativa, durante o processo de escritura da tese de doutorado. Muitos outros livros importantes foram publicados, valendo destacar pela sua importância os seguintes: *Patativa do Assaré – as razões da emoção*, de Cláudio Henrique Sales Andrade, pela editora da UFC, de Fortaleza, em 2004; *O metapoema em Patativa do Assaré: uma introdução ao pensamento literário do Poeta*, de Francisco de Assis Brito, pela Faculdade de Filosofia, no Crato, em 1984; *Poésie du Nordeste du Brésil*, de Jean-Pierre Rousseau, uma coletânea de poetas eruditos e populares cearenses, traduzidos para o francês, com ilustração de José Leite Mesquita, pela Cahiers Bleus, de Paris, em 2002; e *Patativa do Assaré – um clássico*, de Plácido Cidade Nuvens, em Fortaleza, pela editora da Unifor, em 1995 (REBOUÇAS, 2017, p. 27/28).

Assim, como todos estes estudiosos são importantes para obra patativiana, outro nome destaca-se Gilmar de Carvalho, nasceu na cidade de Sobral, formado em direito e jornalismo, sendo professor na Universidade Federal do Ceará por mais de trinta anos, viajando pelo interior do estado conheceu por volta de 80 indivíduos com potencial poético, porém o poeta de Assaré foi o que mais lhe prendeu a atenção, e a partir do ano 1993 iniciou suas entrevistas à Patativa, totalizando mais de 50 horas de gravações, escreveu mais de 10 livros sobre o poeta-cidadão, título que o próprio Gilmar lhe deu, considerando-o um dos maiores poetas brasileiros, Gilmar ver na figura de Patativa um gênio. No prefácio da obra *Patativa do Assaré Antologia Poética* Carvalho afirma:

Patativa optou pela confusão. E a maneira como embaralha os poemas é representativa de que, em outro contexto eles assumem outros significados. Sobre cada um deles passam a incidir outras luzes e eles projetam outras zonas de sombras. Trata-se da estratégia do caleidoscópio e não de um engodo editorial ou de uma maneira de justificar uma possível crise criativa. Poemas ele os tem de sobra e qualidade é o que não lhe falta. E, organizado e metódico como é, tem a consciência de que sua obra é predominantemente apolínea, embora possa ter sido dionisíaca em alguns momentos. Ele não propôs esse labirinto por acaso. A esfinge quer ver o enigma decifrado (ASSARÉ, 2007, p.12).

Com seus estudos Carvalho conseguiu captar na figura de Patativa características que o próprio autor talvez não tenha descoberto em si, a dimensão de sua projeção no âmbito da literatura, pois ele conseguiu ser grande, sem deixar sua simplicidade, tomou posse de uma luta nacional sem abandonar sua pequena Serra de Santana, e estes elementos que o tornaram o poeta desta dimensão, um poeta humano que cantou em versos de cordéis a dor de cada sertanejo, e isto fazia com maestria, pois era parte de sua dor e sua luta, com muita coragem e precisão Patativa descreu a alma do sertão, pois ele próprio o é.

O poeta sertanejo, não conseguiu ver seu povo liberto das opressões sofridas, mas suas contribuições e seus cantos ressoam até hoje, na luta e no coração de cada um que padece, seus versos embeleza a alma, e proporciona alegria a cada indivíduo que debruça-se com seus cordéis, sendo assim, os poemas patativianos continuam presentes e sendo cantados em cada canto. No dia 08 de julho de 2002, aos 93 anos de idade, Patativa faleceu em sua casa, na cidade de Assaré, no Ceará.

4 A REPRESENTAÇÃO DO SERTÃO EM *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*

O sertão nordestino já serviu de espaço para muitas obras literárias brasileiras, em que se manifestaram muitos sertões. O sertão da cana de açúcar de José Lins do Rego; da seca de Rachel de Queiroz; de Canudos de Euclides da Cunha e dos jagunços de Guimarães Rosa. O sertão baiano, pernambucano, maranhense, cearense. O espaço do sertão é um lugar o qual se mostra enquanto lugar geográfico, histórico e cultural que constitui a identidade sertaneja. Na obra de Patativa, **Inspiração Nordestina** (2003), o sertão é apresentado em sua multiplicidade, em suas mais diferentes facetas.

Primeiro livro de Patativa do Assaré, *Inspiração Nordestina* (2003) conta com uma farta coletânea de poesia. Lançado num momento de profunda discussão nos grandes centros sobre a poesia, Assaré encontrou seu próprio lugar na literatura brasileira contemporânea contrapondo – se aos defensores dos versos modernistas e popular. Patativa teve seu reconhecimento, quando seu poema A triste partida foi cantado por Luiz Gonzaga, a partir desse momento o nome de Patativa começou a ser mencionado também nos meios acadêmicos.

Fiel a tradição dos poetas de cordel, Patativa compõe uma poesia essencialmente narrativa que testemunha a história cotidiana do sertanejo, com temas associados aos acontecimentos sociais e religiosos.

O que de imediato chama a atenção na poesia de Patativa do Assaré é sua forte tendência à oralidade. Aproveitando – se de suas origens humildes, o poeta utiliza com maestria a licença poética e trabalha a voz do homem do sertão em seus versos, sem esquecer a musicalidade, que é outra marca da sua poesia. O uso de expressões regionalistas e a escrita fora do padrão da norma culta, não tiram a beleza rítmica dos poemas e ainda possibilita ao leitor ou ouvinte a sensação de ouvir a voz de um sertanejo.

Em relação a métrica dos seus poemas, Patativa criou versos nos moldes camonianos, sonetos na forma clássica com duas estrofes de quatro versos e duas estrofes de três versos, todos decassílabos; métricas e rimas populares, denominada por ele de poesia “matuta”, como a décima e a sextilha nordestina que é composta por seis versos.

Nesta obra encontramos reflexões sobre o fazer poético, retratos da vida sertaneja, lirismo amoroso e sobretudo diversas representações do sertão. Patativa apresenta em seus versos o sertão da seca, o sertão fértil e o sertão em oposição a cidade, essas representações partem do olhar e das relações que o eu lírico estabelece neste espaço no qual está localizado e onde constrói suas memórias, experiências e vivências. O autor também possui a consciência

de que a literatura não é apenas expressão de uma beleza idealizada e aproveita seus versos para fazer denúncias e críticas ao que julga errado, por isso, as críticas sociais fazem parte da poética de Patativa do Assaré. Na obra *Patativiana*, observa – se o sertão pelo olhar de um sertanejo, não é um Euclides que vem falar do que é sertanejo é o próprio sertanejo que fala das suas vivências e suas experiências neste sertão que é múltiplo e que será analisado através de alguns poemas de Patativa.

4.1 O sertão da seca

Segundo Melo (2011), existe uma diversidade de sertão, sendo que o relativo à seca, tornou – se a representação que mais se consolidou no imaginário popular. No final do século XIX e início do século XX, o conceito de sertão passa a ser ressignificado, associando – se à seca principalmente depois da seca de 1915 que atingiu o Nordeste do país, causando a migração de muitos nordestinos em busca de sobrevivência. Esse sertão da seca foi representado por Rachel de Queiroz, na obra *O Quinze* (1930).

Essa migração também é retratada no poema *A triste partida*, um dos mais conhecidos de Patativa, pois foi cantado pelo rei do Baião, Luiz Gonzaga. Neste poema, em que se revela uma faceta do sertão: a aridez, a fome e a seca; o eu lírico narra a saga de uma família que é expulsa da sua terra pela seca que castiga o sertão, viajando para o Sul, para a cidade de São Paulo. Entretanto, ao chegarem na cidade, tornam – se escravos do capitalismo, acumulando dívidas que jamais conseguirão pagar, perdendo a esperança de retornarem à terra natal.

A triste Partida

Setembro passou, com outubro e novembro
 Já tamo em dezembro.
 Meu Deus, que é de nós?
 Assim fala o pobre do seco Nordeste,
 Com medo da peste,
 Da fome feroz.
 A treze do mês ele fez a experiência,
 Perdeu sua crença
 Nas pedra de sá.
 Mas nôta experiência com gosto se agarra,
 Pensando na barra
 Do alegre Natá.
 Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
 O só, bem vermeio,
 Nasceu munto além.
 Na copa da mata, buzina a cigarra,
 Ninguém vê a barra,

Pois barra não tem. (...)
(ASSARÉ, 2003, p.51).

Nestes primeiros estrofes, já se observa como o eu poético constrói a caracterização do Nordeste, diante das imagens da seca “só” (sol), vermêio (vermelho), “verão”. A região é marcada pela combinação de significados negativos como “pobre”, “seco”, “medo”, “peste” e fome e da presença das negações “sem chuva”, “não chove” e “nada de chuva”. Para Melo (2011, p. 79), “o deserto, a aridez é apenas uma das múltiplas facetas do sertão. Certamente aquela que ficou mais marcada no imaginário social. Costuma – se associar o sertão, apenas aos espaços áridos e pobres sobretudo do Nordeste.

A esperança, única coisa que o eu poético ainda possui vai morrendo aos poucos à medida que os meses passam e não cai nenhuma gota de água.

(...) Sem chuva na terra descamba janêro,
Depois, feverêro,
E o mêrmo verão
Entonce o rocêro, pensando consigo,
Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!
Apela pra maço, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José.
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé. (...)
(ASSARÉ, 2003, p.52).

O poema também reflete as questões culturais e religiosas predominantes no Nordeste, a partir das crenças e poderiam conseguir prever a chegada da chuva, tais como a experiência com as pedras de sal no dia de Santa Luzia, a barra de Natal, como também os apelos à São José. Com a falha destas experiências, a única alternativa que os resta é vender o seu gado e abandonar sua terra natal em direção à São Paulo, mas mantendo viva a esperança de um dia voltar ao seu Nordeste.

(...) Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
Ali veve preso,
Devendo ao patrão.
O tempo rolando, vai dia vem dia,
E aquela famia
Não vorta mais não!
Distante da terra tão seca mas boa,
Exposto à garoa,
À lama e ao paú,

Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
 Vivê como escravo
 Nas terra do su.
 (ASSARÉ, 2003, p. 54).

Chegando a São Paulo, o sertanejo e sua família logo encontram emprego, visto que São Paulo se encontrava em pleno desenvolvimento industrial e urbano, e necessita de mão – de – obra. Entretanto, o trabalho torna – se uma forma de aprisionamento, uma escravidão moderna. E o eu lírico chora, com profunda tristeza, chorando a saudade da terra natal. O êxodo rural não acontece pela vontade do sertanejo de deixar sua terra natal, mas sim pela necessidade e a fuga da seca, mas sonhando sempre em retornar ao seu sertão.

4.2 O sertão de Assaré

Em diversos poemas, Patativa fala sobre sua terra, Serra de Santana, e precisamente Assaré, a terra de seu coração, neste lugar teve seu contato com o mundo, com as pessoas, com o cordel, com a cantoria, o trabalho na roça e onde desenvolveu sua paixão pela poesia.

No meu sertão
 (...) Eu sou fio de Assaré,
 Onde viveu meu avô,
 Lugá do meu nascimento
 Que fica no interiô,
 De junto do Cariri.
 Nasci e me criei ali, (...)
 (ASSARÉ, 2003, p. 123).

Patativa apresenta seu lugar como orgulho, amor e encantamento que ele pode lhe oferecer e no qual ele estabeleceu uma forte relação com este espaço que possibilita ao poeta uma criação poética ligada a terra, nos diversos trechos em que o poeta fala sobre Assaré e Serra de Santana, nas palavras de Patativa ambas carregam uma concepção diferente de sertão, indo além da ideia de seca, pobreza e escassez. Segundo Melo (2011, p. 80),” o sertão se estende para muito além do espaço infértil, pobre, árido e áspero do deserto (...) o sertão apresenta – se também como lugar de riqueza e de fartura.

[...] Quando há seca no sertão,
 Que a crise se multiplica,
 O meu Assaré não fica
 Exposto a grande aflição,

Atrás de comprar feijão
 Vêm comboieiros até
 Lá da zona do Areré,
 E não voltam sem o artigo,
 Quem quiser ser meu amigo
 Não fale mal de Assaré.
 (ASSARÉ, 2003, p. 241).

De acordo com Melo (2011, p.79), “O sertão contém o deserto e muitos outros espaços repletos de diferentes paisagens, lugares, territórios.” Assim pode – se perceber estes versos de Patativa, enquanto em uma parte do sertão há seca, o que se pode imaginar é que todo o sertão sofra, no entanto, Assaré não se aflige pois de outras lugares vão pessoas afim de comprar feijão, visto que em sua terra, a agricultura do feijão e do milho predomina.

Neste trecho, também evidencia – se a desconstrução do sertão da seca, pois o sertão de Assaré é diferente daquele que se consolidou no imaginário popular. Portanto, Patativa constrói em alguns dos seus poemas uma outra representação para o sertão, desconstruindo a representação da seca, possibilitando uma nova forma de se pensar, ler e compreender o sertão nordestino.

4.3 O campo em oposição à cidade

Patativa também escreve sobre as diferenças entre o sertão e a cidade, em que o sertão se configura como um lugar de tranquilidade e calma em oposição a cidade, sendo um lugar melhor para se viver.

No meu Sertão
 (...) Lá no sertão de onde eu venho,
 Inté hoje não chegou
 Buzina de caminhão
 Nem apito de motô;
 A vida é bem sossegada,
 Sem barúio e sem zoadá,
 Por isso eu faço questão
 De não morá na cidade,
 Foi sempre minha vontade
 Vivê e morrê no sertão. (...)
 (ASSARÉ, 2003, p. 124).

O eu lírico descreve o sertão como um lugar onde um tempo passa lentamente e o progresso ainda não chegou, em que o caminhão o carro, ainda não haviam chegado a região e

o meio de transporte eram animais (jumentos, cavalos). A cidade contempla o progresso e a industrialização, a urbanização e a tecnologia, o que seria o espaço do “homem civilizado”. Entretanto, o eu lírico não vê na cidade um lugar melhor lugar para se viver, preferindo o sertão.

(...) É munto mais boa a vida
 Da minha gente matuta,
 Lá onde tudo é sossego,
 Lá onde ninguém escuta
 Essa zoadá mardita (...)
 (ASSARÉ, 2003, p. 124).

A cidade também é percebida como um lugar barulhento que apresenta uma *zoadá mardita, com buzina de motô e apito de caminhão*. É um espaço de intranquilidade e desassossego, enquanto o sertão é lugar de calma, onde esses barulhos não se escutam. No sertão, o som que predomina é o da natureza: o canto dos pássaros, o som do vento e o som da viola que traz para o eu lírico o que há de mais profundo.

O campo evoca uma resposta sentimental, em que o valor das coisas se estabelece pelas diferenças, esse valor que o eu lírico deposita no sertão se constrói, à medida que se opõe à cidade. Neste sentido, na poética de Assaré, sertão e cidade se constitui em oposições como: antigo/moderno, atraso/progresso, produção rural/industrialização.

Nessa relação de oposições, o eu lírico marca sua relação e se reconhece como um homem do sertão, que tem suas raízes no campo, sendo este o seu espaço a partir de onde o eu lírico se reconhece como sujeito sertanejo.

A obra de Patativa do Assaré, se diferencia de outras obras que tem o sertão como espaço, dentre outros aspectos, pelo fato de que nesta obra se trata do próprio sertanejo dando voz e representação a sua cultura, crenças e dificuldades. Não é um sulista que vem para o sertão dizer o que é o sertão e o que é ser sertanejo, é o próprio sertanejo sendo sua própria voz e representação.

Desse modo, *Inspiração nordestina* é uma reunião de vários versos, que ilustram um retrato fidedigno das vivências de uma boa parte do povo nordestino, sendo esta vida a que Patativa viveu de forma intensa, e deste modo tornou-se o autêntico poeta da roça, podendo levar aos leitores a sensação de estar vivenciando os fatos cordelísticos que foram tão bem narrados, evidenciando o sertão em sua multiplicidade cultural, que é peculiar da região nordestina.

A linguagem sertaneja, de tonalidade própria, fértil em metofonias e metáteses, avessa aos esdrúxulos, com frequente abrandamento ou amolecimento e vocalização de consoantes e grupos consonantais, com a eliminação das letras e fonemas finais, tem estranha e peculiar beleza, e semelha uma flor Silvestre, exuberante no solo antigo, com toda vivacidade e opulência de seu colorido.

A poesia matuta de Patativa é, por isso, cheia de vitalidade da própria linguagem regional, mas por sobre ela o bardo campesino espalhou a riqueza de sua inspiração, a delicadeza de suas concepções, o fascínio de seu lirismo, e a mordacidade afiada da sua sátira (REBOUÇAS, 2017, p. 19 apud ALENCAR, 1956).

Diante disso, nesta obra evidenciou-se a identidade de um povo marginalizado, de uma forma poética o qual o autor possuía propriedade em fazê-lo, os versos de seus cordéis são denúncias perante à injustiça social, os preconceitos sofridos pelas classes postas as margens sociais, indicando a representatividade do autor e desta obra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das teorias estudadas, e a obra analisada intitulada *Inspiração Nordestina* do cordelista Patativa do Assaré, conclui-se que apesar da primeira publicação da obra ter um pouco mais de 60 anos, os estudos e teorias que fazem-se sobre ela, são de grande relevância, muito já se foi dito, e um tanto mais, há o que se dizer e conhecer, pois cada poema nela contido, revela-se uma face nova, uma ideologia, ideia e uma infinidade de possibilidades. Tratando-se da primeira obra publicada do poeta de Assaré, mostra-se o rico acervo que ele carregava consigo, e a formação deste livro evidencia a beleza dos versos, ainda que o autor não almejasse a publicação de tais versos.

Logo nas primeiras páginas da obra Patativa dá um aviso destinados aos leitores, sobre a simplicidade da livro, por não conter a arte literária aprendida na escola, ao invés disto, em sua obra contém o suó do roçado, sabendo ele que sua linguagem, e temática é diferenciada das obras que possuem um maior consumo. Encontra-se nesta obra os percalços do povo nordestino, porém, do mesmo modo é visto as belezas que somente no interior do nordeste pode-se encontrar. Tem-se também luta, luta pela sobrevivência, luta diária com a saudade da terra natal, luta contra o sistema opressor, contra a falsa democracia, enfim, a luta que Patativa teve em vida, trouxe para a obra, embelezando-a com sua poesia e voz melodiosa, que leva o leitor do encantamento, à revolta, deixando-o desejoso daquilo que ele mais clamava em seus versos uma reforma que trouxesse melhorias, e uma sociedade mais igualitária, em que todos tivessem direito à verdadeira democracia.

Neste trabalho compreende-se que a literatura de cordel, é proveniente do povo e destinado para o povo, e assim Patativa o faz, saindo dele o representante da cultura nordestina, fala sobre o nordeste e para o nordeste, para o seu povo. E, a partir do estudo dessa obra, entende-se que não há beleza nos sofrimentos do povo martirizado, dos que saem de suas terras, para o enfrentamento do desconhecido, e o autor transparece de forma genial cada parte destes momentos.

Conclui-se também a necessidade e urgência de assim como Patativa do Assaré, buscamos e lutarmos pela mudança que tantos necessitamos, o autor em sua obra demonstra também, que as mazelas que tem-se no mundo não é designo e nem vontade do Deus de soberania, e sim fruto da renda mal dividida, dos poderosos que não importam-se com os mais pobres. E que unidos na mesma luta, pode-se conseguir grandes feitos, engajados no bem comum, a perceber que temos os mesmos direitos, Patativa ao mesmo tempo que incentiva a

buscar por mudanças, alerta que este não é um processo fácil, não foi naquela época e nos dias atuais também não são, porém como a esperança mostrada em seus cordéis aos poucos a sociedade igualitária sonhada por Patativa vigorará.

A escolha desta obra para análise, partiu-se do desejo compartilhado com o autor, de cada indivíduo possa ter seu pedaço terra, para colher e plantar, ou seja, sobreviver em tempos de desemprego, e desvalorização dos profissionais, sem que estes precisem sofrer nas grandes cidades, longes de suas famílias e terra natal, pois a dor cantada por Patativa em a triste partida, ainda é uma realidade presente nas famílias brasileiras, principalmente nas pequenas cidades dos interiores.

Com isso, este estudo alcançou as metas objetivadas, de modo que proporcionou contribuições para a conclusão de minha formação acadêmica, e este trabalho cumpre-se de modo que, fica aberto para possíveis reformulações, ou continuações, pois devido a extensa obra de Patativa há sempre mais elementos para debruçar-se.

Desta forma espera-se que a realização deste estudo contribua para a sociedade, e que os erros aqui cometidos não repitam-se, mas que os acertos e pontuações sejam abordadas em versões aprimoradas, para que a poesia de cordel e as obras patativianas continuem a ser analisadas, e pesquisadas.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL (ABLC)**. Santa Tereza, Rio de Janeiro. Disponível no site: <http://www.ablc.com.br/>. Acesso em Nov./2020.
- BARROS. Leandro Gomes de. **Batalha dos Oliveiros com Ferrabaz**. Recife: Livraria Francesa, 1913.
- BATTISTIN, Valter. **História Do Brasil e Literatura Brasileira** - uma possibilidade interdisciplinar. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Programa de Desenvolvimento Educacional. Universidade Federal do Paraná. 49 p. Curitiba, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. 144 f. Brasília: 1988.
- BRASILEIRO, Osmando J; SILVEIRA, Regina da Costa da. Literatura e Oralidade no Cordel: Identidade e memória cultural nordestina. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**. Porto Alegre, v. 09, n. 01, 11f., jan./jun. 2013.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7. ed. e atual. São Paulo: Global, 2004.
- LACERDA. Erasmo Peixoto de. **O cordel de Leandro Gomes de Barros: O processo de distribuição dos folhetos**. In: Simpósio Nacional de História – Contra os preconceitos: História e Democracia, 29., 2017, Brasília. *Anais...* Brasília: UNB, 2017, 9f.
- MELO, Adriana Ferreira de. **Sertões do mundo, uma epistemologia**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. Instituto de Geociência. v.1. 2011. 121 f. Belo Horizonte, 2011.
- NEVES. Francisco Paiva das. **Literatura de Cordel – origens e perspectivas educacionais**. Fortaleza – CE. Junho/ 2018.
- NOGUEIRA, Renata Carvalho de. **A poética social de Patativa do Assaré**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 164f. São Paulo, 2017.
- PATATIVA DO ASSARÉ. **Inspiração Nordestina: Cantos de Patativa/Antonio Gonçalves da Silva**. São Paulo: Hedra, 2003.
- PATATIVA DO ASSARÉ. **Antologia Poética/ Patativa do Assaré**; organização e prefácio de Gilmar de Carvalho – Fortaleza: Ed: Demócrito Rocha, 2007.
- PATATIVA DO ASSARÉ: Ave Poesia. Direção: Rosemberg Cariry. Produção de Cariri Filmes e Iluminura Filmes. Fortaleza, 2007. YouTube (publicado em 2020). 84 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YcIq6pQx7ak&feature=youtu.be>. Acesso em: 14 de junho de 2020

REBOUÇAS, Myrlla Muniz. **Patativa do Assaré: Poesia, Canção e consciência**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Música em Contexto. Departamento de Música. Instituto de Artes. Universidade de Brasília. 149 f. Brasília, 2017.

SANTOS JUNIOR, Arinélcio Lacerda dos. **Literatura de cordel na sala de aula: Experiências de leitura com os alunos do ensino médio**. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2017.

SANTOS, Marizete do Carmo. **A (des)territorialização do povoado Santo Antônio e a construção da usina do Moxotó em Jatobá-Pe: uma leitura através de o romance da tristeza**, de Julia Generosa dos Santos. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Curso de Licenciatura em Letras – habilitação Português e Inglês. Faculdade Sete de Setembro – FASETE. Paulo Afonso – BA, 2013.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. Monografia - Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo. Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas (FATECS). Brasília, 2008.

ANEXOS

ANEXO A – CORDEL: A PEREGRINAÇÃO DE SÃO FRANCISCO NO SINIMBU

A peregrinação de São Francisco no Sinimbu	O dinheiro arrecadar Para a festa dos dez anos Que a paróquia vai completar
“Eu vou contar para vocês Uma história real Da visita de uma imagem Há um povoado especial	Falou que a imagem de Francisco Podia dormir naquele lugar Mas que apartir do outro dia As casas teriam que visitar
Foi no dia 3 de agosto de 2013 Que a imagem lá chegou Era de São Francisco de Assis O santo que leva o amor	E no dia seguinte àquele Começamos a missão Saímos de casa em casa Com a cruz e o andor nas mãos
Ele vinha da gangorra Lugar que fomos buscar Depois de uma missa de envio Que o Padre Reginaldo foi celebrar	Alguns nos receberam bem E outros nem tanto assim O que importa para nós É tudo dar certo no fim
Chegando ao Sinimbu Povoado que já falei Fomos todos recebidos Pelos jovens do Hosana Hei	Teve aqueles moradores Que a sua porta fechou Quando a imagem de São Francisco Pela sua rua passou
Cassinha cantando suave Randinho tocando o sino Entramos naquela capela Felizes que nem menino	Mas também teve alguém De outra religião Que recebeu a imagem Com muita satisfação
A imagem da Senhora do Carmo Com a de São Francisco se encontrou Todos ficamos emocionados Com aquela atmosfera de amor	Agora vou terminar Contando coisas simplórias Mas que ficarão pra sempre Dentro de nossas memórias
Padre Reginaldo fez sua fala Cesár seu pronunciamento E os moradores da Gangorra Saíram cheios de contentamento	Algo que ficará Na mente de todos nós É a presença de Adilma E sua marcante voz
Houve algumas perguntas Referente a peregrinação O padre só fez dizer: “deixo tudo em vossas mãos”	Sem esquecer Evaneide Que cantou com sua amiga As duas nunca demonstraram Cansaço, má vontade ou fadiga
Ele disse que usassémos Nossa criatividade Para fazermos as visitas Em toda comunidade	Elas duas organizaram Toda essa peregrinação Sabemos que fizeram isso Com amor e dedicação
Disse ainda para nós	Não vamos esquecer Cassinha

E todos que sempre cantavam
De Janiele e Abdias
Que a cruz sempre carregavam

Sem esquecer também
Daqueles que o andor carregou
Que foram os próprios moradores
Mas tem um que mais se destacou

O nome dele é Luis
Genro de tia Mazé
Esse se fez muito presente
Demonstrando que tem fé

Cristiane, Flávia e Jeneide
Nilcéia, Sandra, Eliane e muita gente
Que leram as orações
De forma muito eloquente

Outra coisa me marcou
E jamais vamos esquecer
Foram as orações feitas
Para que pudéssemos crer

Teve a oração da benção
E pelas vocações sacerdotais
A oração da família
A ladainha e muito mais

Agora chegou o dia
De Chiquinho nos deixar
Ele irá pra Caraíbas
Pra todo mundo abençoar

Nossa comunidade
Ficará só esperando
Que a imagem de São Francisco
Volte no próximo ano

Queremos agradecer
A todo povo cristão
Que abriu a sua porta
E também seu coração

Aqueles que colaboraram
E deram sua oferta
Que Deus abençoe
E a recompensa seja certa

As benções serão derramadas
Deus não esquece de ninguém
Ele sempre nos amará pelos séculos e séculos.
Amém!

César Manoel Conrado.
(2013)

ANEXO B – CORDEL: HOMENAGEM ÀS MÃES

Homenagem as Mães

Falar de mãe é fácil
É só abrir o coração
Falar tudo que ela representa
Com verdade e emoção

Mãe é vida, carinho e correção
Mãe é cheiro de rosas
Mãe é aconchego
E dedicação

Mãe, é sempre colo, cuidado e amor
Mãe é a melhor coisa que Deus assim já criou
À todas as mães do Sinimbu eu quero
homenagear
Com esses simples versos que acabei de criar

Que Maria as proteja

Com seu manto protetor
Que Jesus as abençoe
Com seu poder de Salvador

Eu não tenho mais mãe na terra
Ela já foi para o céu
Mas até hoje ouço suas palavras de mel
Palavras que me ajudaram a ser o que hoje sou
À ela agora agradeço
E entrego nos braços de Nosso Senhor

Parabéns à todas as mães
Para vocês eu bato palmas
Espero que sejam felizes
Desejo isso do fundo de minha alma.

César Manoel Conrado
2020

ANEXO C – CORDEL: SEU DOTÔ ME CONHECE?

SEU DOTÔ ME CONHECE?

Seu dotô, só me parece
Que o sinhô não me conhece
Nunca sôbe quem sou eu
Nunca viu minha paioça,
Minha muié, minha roça,
E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,
Que eu vô contá minha história,
Tenha a bondade de ouvi:
Eu sou da crasse matuta,
Da crasse que não desfruta
Das riqueza do Brasil.

Sou aquele que conhece
As privação que padece
O mais pobre camponês;
Tenho passado na vida
De cinco mês em seguida
Sem comê carne uma vez.

Sou o que durante a semana,
Cumprindo a sina tirana,
Na grande labutação
Pra sustentá a famia
Só tem direito a dois dia
O resto é pra o patrão.

Sou o que no tempo da guerra
Contra o gosto se desterra
Pra nunca mais vortá
E vai morrê no estrangêro
Como pobre brasileiro
Longe do torrão natá.

Sou o sertanejo que cansa
De votá, com esperança
Do Brasil ficá mió;
Mas o Brasil continua
Na cantiga da perua
Que é: pió, pió, pió...

Sou o mendigo sem sossego
Que por não achá emprego

Se vê forçado a seguí
Sem direção e sem norte,
Envergonhado da sorte,

De porta em porta a pedí.

Sou aquele desgraçado,
Que nos ano atravessado
Vai batê no Maranhão,
Sujeito a todo o matrato,
Bicho de pé, carrapato,
E os ataques de sezão.

Senhô dotô , não se enfade
Vá guardando essa verdade
Na memória, pode crê
Que sou aquele operário
Que ganha um nobre salário
Que não dá nem pra comê

Sou ele todo, em carne e osso,
Muitas vez, não tenho armoço
Nem também o que jantá;
Eu sou aquele rocêro,
Sem camisa e sem dinhêro,
Cantado por Juvená.

Sim, por Juvená Galeno,
O poeta, aquele geno,
O maió dos trovadô,
Aquele coração nobre
Que a minha vida de pobre
Muito sentido cantou.

Há mais de cem ano eu vivo
Nesta vida de cativo
E a potreção não chegou;
Sofro munto e corro estreito,
Inda tou do mermo jeito
Que Juvená me deixou.

Sofrendo a mesma sentença
Tou quase perdendo a crença,

E pra ninguém se enganá
 Vou deixá o meu nome aqui:
 Eu sou fio do Brasil,

E o meu nome é Ceará.
 (Patativa do Assaré, 2003, p.112)

ANEXO D – CORDEL: SAUDAÇÃO AO JUAZEIRO DO NORTE

Saudação ao Juazeiro do Norte.

Mesmo sem eu ter estudo
 sem ter do colégio o bafejo,
 Juazeiro, eu te saúdo
 com o meu verso sertanejo
 Cidade de grande sorte,
 de Juazeiro do Norte
 tens a denominação,
 mas teu nome verdadeiro
 será sempre Juazeiro
 do Padre Cícero Romão.
 O Padre Cícero Romão
 que, vocação celeste
 foi, com direito e razão
 o Apóstolo do Nordeste.
 Foi ele o teu protetor
 trabalhou com grande amor,
 lutando sempre de pé
 quando vigário daqui,
 ele semeou em ti
 a sementeira da fé.
 E com milagre estupendo
 a sementeira nasceu,
 foi crescendo, foi crescendo
 Muito ao longe se estendeu
 com a virtude regada
 foi mais tarde transformada
 em árvore frondosa e rica.
 E com luz medianeira
 inda hoje a sementeira
 cresce, flora e frutifica.
 Juazeiro, Juazeiro
 jamais a adversidade
 extinguirá o luzeiro
 da tua comunidade.
 morreu o teu protetor,
 porém a crença e o amor
 vive em cada coração
 e é com razão que me expresso
 tu deves o teu progresso
 ao Padre Cícero Romão
 Aquele ministro amado
 que tanto favor nos fez,
 conselheiro consagrado
 e o doutor do camponês.

contradizer não podemos
 E jamais descobriremos

O prodígio que ele tinha:
 Segundo a popular crença,
 curava qualquer doença,

com malva branca e jarrinha.
 Juazeiro, Juazeiro
 tua vida e tua história
 para o teu povo romeiro
 merece um padrão de glória.
 De alegria tu palpitas,
 ao receber as visitas
 de longe, de muito além,
 Grande glória tu viveste!
 Do nosso caro Nordeste
 tu és a Jerusalém.
 Sempre me lembro e relembro,
 não hei de me deslembrar:
 O dia 2 de Novembro,
 tua festa espetacular
 pois vem de muitos Estados
 os carros superlotados
 conduzindo os passageiros
 e jamais será feliz
 aquele que contradiz
 a devoção dos romeiros.
 No lugar onde se achar
 um fervoroso romeiro,
 ai daquele que falar,
 contra ou mal, do Juazeiro.
 Pois entre os devotos crentes,
 velhos, moços e inocentes,
 a piedade é comum,
 porque o santo reverendo
 se encontra ainda vivendo
 no peito de cada um.
 Tu, Juazeiro, és o abrigo
 da devoção e da piedade.
 Eu te louvo e te bendigo
 por tua felicidade,
 me sinto bem, quando vejo
 que tu és do sertanejo
 a cidade predileta.
 Por tudo quanto tu tens
 recebe estes parabéns

do coração de um poeta.

(ASSARÉ, 2003, p.298).

ANEXO E – CORDEL: REFORMA AGRÁRIA

Reforma agrária

Pobre agregado, força de gigante,
Escuta amigo o que te digo agora,
Depois da treva vem a linda aurora
E a tua estrela surgirá brilhante.

Pensando em ti eu vivo a todo instante,
Minha alma triste desolada chora
Quando te vejo pelo mundo a fora
Vagando incerto qual judeu errante.

Para saíres de fatal fadiga,
Do horrível jugo que cruel de obriga
A padecer a situação precária

Lutai altivo, corajoso e esperto
Pois só verás teu país liberto
Se conseguires a reforma agrária.

(ASSARÉ, 2007, p.218).

ANEXO F – CORDEL: A TRISTE PARTIDA

A TRISTE PARTIDA

Setembro passou, com outubro e novembro
 Já tamo em dezembro.
 Meu Deus, que é de nós?
 Assim fala o pobre do seco Nordeste,
 Com medo da peste,
 Da fome feroz.

A treze do mês ele fez a experiência,
 Perdeu sua crença
 Nas pedra de sá.
 Mas nôta experiência com gosto se agarra,
 Pensando na barra
 Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio,
 O só, bem vermeio,
 Nasceu munto além.
 Na copa da mata, buzina a cigarra,
 Ninguém vê a barra,
 Pois barra não tem.

Sem chuva na terra descamba janêro,
 Depois, feverêro,
 E o mêrmo verão
 Entonce o rocêro, pensando consigo,
 Diz: isso é castigo!
 Não chove mais não!

Apela pra maço, que é o mês preferido
 Do Santo querido,
 Senhô São José.
 Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,
 Lhe foge do peito
 O resto da fé.

Agora pensando segui ôtra tria,
 Chamando a famia
 Começa a dizê:
 Eu vendo meu burro, meu jegue e o cavalo,
 Nós vamo a São Palo
 Vivê ou morrê.

Nós vamo a São Palo, que a coisa tá feia;
 Por terras aleia
 Nós vamo vagá.
 Se o nosso destino não fô tão mesquinho,
 Pro mêrmo cantinho

Nós torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
 Inté mêrmo o galo
 Vendêro também,
 Pois logo aparece feliz fazendêro,
 Por pôco dinhêro
 Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;
 Chegou o triste dia,
 Já vai viajá.
 A seca terrive, que tudo devora,
 Lhe bota pra fora
 Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra.
 Oiando pra terra,
 Seu berço, seu lá,
 Aquele nortista, partido de pena,
 De longe inda acena:
 Adeus, Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado,
 E o carro embalado,
 Veloz a corrê,
 Tão triste, o coitado, falando saudoso,
 Um fio choroso
 Escrama, a dizê:

– De pena e sodade, papai, sei que morro!
 Meu pobre cachorro,
 Quem dá de comê?
 Já ôto pergunta: – Mãezinha, e meu gato?
 Com fome, sem trato,
 Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:
 – Mamãe, meus brinquedo!
 Meu pé de fulô!
 Meu pé de rosêra, coitado, ele seca!
 E a minha boneca
 Também lá ficou.
 E assim vão dexando, com choro e gemido,
 Do berço querido
 O céu lindo e azu.
 Os pai, pesaroso, nos fio pensando,
 E o carro rodando
 Na estrada do Su.

Chegaro em São Paulo – sem cobre, quebrado.
 O pobre, acanhado,
 Percura um patrão.
 Só vê cara estranha, da mais feia gente,
 Tudo é diferente
 Do caro torrão.

Trabaia dois ano, três ano e mais ano,
 E sempre no prano
 De um dia inda vim.
 Mas nunca ele pode, só veve devendo,
 E assim vai sofrendo
 Tormento sem fim.

Se arguma notícia das banda do Norte
 Tem ele por sorte
 O gosto de uvi,

Lhe bate no peito sodade de móio,
 E as água dos óio
 Começa a caí.

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
 Ali veve preso,
 Devendo ao patrão.
 O tempo rolando, vai dia vem dia,
 E aquela famia
 Não vorta mais não!

Distante da terra tão seca mas boa,
 Exposto à garoa,
 À lama e ao paú,
 Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,
 Vivê como escravo
 Nas terra do su.
 (ASSARÉ, 2003, p.51).

ANEXO G – CORDEL: CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ

Cante Lá Que Eu Canto Cá

Poeta, cantô de rua
Que na cidade nasceu
Cante a cidade que é sua
Que eu canto o sertão que é meu

Se aí você teve estudo
Aqui, Deus me ensinou tudo
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá, que eu canto cá

Repare que a minha vida
É deferente da sua
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua
Já eu sou bem deferente
Meu verso é como a simente
Que nasce inriba do chão
Não tenho estudo nem arte
A minha rima faz parte
Das obra da criação

Você teve inducação
Aprende munta ciência
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência
Nunca fez uma paiouça
Nunca trabaiou na roça
Não pode conhecê bem
Pois nesta penosa vida
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem

Pra gente cantá o sertão
Precisa nele morá
Tê armoço de feção
E a janta de mucunzá
Vivê pobre, sem dinhêro
Socado dentro do mato
De apragata currelepe
Pisando inriba do estrepe
Brocando a unha-de-gato

Você é muito ditoso
Sabe lê, sabe escrevê
Pois vá cantando o seu gozo
Que eu canto meu padecê
Inquanto a felicidade

Você canta na cidade
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera
Pra sê poeta divera
Precisa tê sofrimento

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro
Com o seu verso bem feito
Não canta o sertão dereito
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada
E a dô só é bem cantada
Cantada por quem padece

Só canta o sertão dereito
Com tudo quanto ele tem
Quem sempre correu estreito
Sem proteção de ninguém
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó
Puxando o cabo da inxada
Na quebrada e na chapada
Moiadinho de suó

Amigo, não tenha quêxa
Veja que eu tenho razão
Em lhe dizê que não mêxa
Nas coisa do meu sertão
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra traiaíá
Por favô, não mêxa aqui
Que eu também não mêxo aí
Cante lá que eu canto cá

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu
Os livro do seu colejo
Onde você aprendeu
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima compreta
Não precisa professô
Basta vê no mês de maio
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô
Seu verso é uma mistura

É um tá sarapaté
 Que quem tem pôca leitura
 Lê, mais não sabe o que é
 Tem tanta coisa incantada
 Tanta deusa, tanta fada
 Tanto mistéro e condão
 E ôtros negoço impossive
 Eu canto as coisa visive
 Do meu querido sertão

Canto as fulô e os abróio
 Com todas coisa daqui
 Pra toda parte que eu óio
 Vejo um verso se bulí
 Se as vêz andando no vale
 Atrás de curá meus male
 Quero repará pra serra
 Assim que eu óio pra cima
 Vejo um divule de rima
 Caindo inriba da terra

Mas tudo é rima rastêra
 De fruita de jatobá
 De fôia de gamelêra
 E fulô de trapiá
 De canto de passarinho
 E da poêra do caminho
 Quando a ventania vem
 Pois você já tá ciente
 Nossa vida é deferente
 E nosso verso também

Repare que deferença
 Iziste na vida nossa
 Inquanto eu tô na sentença
 Trabaiando em minha roça
 Você lá no seu descanso
 Fuma o seu cigarro manso
 Bem perfumado e sadio
 Já eu, aqui tive a sorte
 De fumá cigarro forte
 Feito de paia de mio

Você, vaidoso e facêro

Toda vez que qué fumá
 Tira do bôrso um isquêro
 Do mais bonito metá
 Eu que não posso com isso
 Puxo por meu artifiço
 Arranjado por aqui
 Feito de chifre de gado
 Cheio de argodão queimado
 Boa pedra e bom fuzí

Sua vida é divirtida
 E a minha é grande pená
 Só numa parte de vida
 Nós dois samo bem iguá
 É no dereito sagrado
 Por Jesus abençoado
 Pra consolá nosso pranto
 Conheço e não me confundo
 Da coisa mió do mundo
 Nós goza do mesmo tanto

Eu não posso lhe invejá
 Nem você invejá eu
 O que Deus lhe deu por lá
 Aqui Deus também me deu
 Pois minha boa muié
 Me estima com munta fé
 Me abraça, beja e qué bem
 E ninguém pode negá
 Que das coisa naturá
 Tem ela o que a sua tem

Aqui findo esta verdade
 Toda cheia de razão
 Fique na sua cidade
 Que eu fico no meu sertão
 Já lhe mostrei um ispeio
 Já lhe dei grande conseio
 Que você deve tomá
 Por favô, não mexa aqui
 Que eu também não mêxo aí
 Cante lá que eu canto cá.

(ASSARÉ, 2003, p.275).

ANEXO H – CORDEL: ISPINHO E FULÔ

Ispinho e fulô

É nascê, vivê e morre
 Nossa herança naturá
 Todos tem que obedecê
 Sem tê a quem se quexá
 Foi o autor da Natureza
 Com o seu pudê e grandeza
 Quem traçou o nosso caminho,
 Cada quá na sua estrada
 Tem nesta vida penada
 Pôca fulô e munto ispinho

Até a propa criança
 Tão nova e tão atraente
 Conduzindo a mesma herança,
 Sai do seu berço inocente,
 Se passa aquele anjo lindo
 Hora e mais hora se rindo
 E algumas horas chorando,
 É aquela criatura
 Já tem na inocência pura
 Ispinho lhe cutucando.

Fora da infância querida
 No seu uso de razão
 Vê muntas fulô caída
 Machucada pelo chão,
 Pois vê neste mundo ingrato
 Injustiça, assassinato
 E uns aos outros presequindo
 E assim nós vamo penando
 Vendo os ispinho omentando
 E as fulô diminuindo

Nosso tempo de rapaz
 Quando a gente e qué bem
 Tudo que é bom ele traz,
 Tudo que é bom ele tem,
 Nossa vida é tesôro,
 De bêjo, abraço e namoro
 De fantasia e de encanto
 De ilusão e de carinho
 Não se vê nem um ispinho
 É fulô por todo canto

Depois vem o casamento
 Trazendo a lua de mé,
 O maió contentamento
 Que goza home e a muié
 Mas depois que a lua passa

Já vão ficando sem graça
 Pois é preciso infretá
 A obrigação que eles tem
 Porque Deus não fez ninguém
 Pra vive sem trabaíá

Mais tarde chega a criança
 Que o casal tanto queria,
 Risonha como a esperança
 Enche a casa de alegria,
 No dia da sua vinda
 Todos diz: Ô coisa linda!
 Pra repará todos vem
 A criancinha mimosa
 Tão linda igualmente a rosa,
 Mas traz ispinho também.

Quando um casá se separa
 Rebenta duas ferida,
 Ferida que nunca sara,
 Pois a dô é repartida,
 Cumprindo a sorte misquinha
 Nem mesmo uma fulôzinha
 Aos desgraçados acompanha,
 Cada quá no seu caminho
 Topa tosseira de ispinho
 Que o chique-chique não ganha

A vida tem um tempêro
 De alegria e de rigô
 Dêrne o mais pobre trapêro
 Ao mais ricaço dotô
 Na roda desta ciranda
 O mundo inteiro disanda,
 Não ficou pra um sozinho,
 O sofrimento é comum
 A estrada de cada um
 Sempre tem fulô e ispinho

Sem churá ninguém tulerá
 Dê uma seca a tirania,
 O rapapé de misera
 Ispaia as pobre famia,
 O ispinho da precisão
 Fura em cada coração
 Seca as aguas no regato,
 A mata fica dispida,
 Não se fulô na vida
 Nem se vê fulô no mato.

Para o véio que ficou
 Sem corage e sem assunto

Só resta as triste fulô
Com que se enfeita difunto,
Vem a doença e lhe inframa
E ele recebe na cama
Na sua eterna partida

Sem tá sabendo de nada
A derradêra furada
Do ispinho da nossa vida.

(ASSARÉ, 2007, p.203).

ANEXO I- CORDEL NO MEU SERTÃO.

NO MEU SERTÃO

Boa noite, gente rica
De sabença e indução,
Peço que descurpe os erro
Desta minha falação.
Não conheço português,
Apois eu por minha vez
Nunca mexi com papé
Mas eu vou falá a language
Da minha gente sevege,
Entenda lá quem pudé!

Se eu nunca fui à escola
Indução eu não tenho,
Mas porém peço licença
Mode eu dizê de onde venho,
E de onde é meu torrão querido,
Lá onde eu tenho vivido,
Que eu não quero que arguém pense
Que eu sou sujeito de fora,
Apois eu tive a gulora
De também sê cearense.

Eu sou fio de Assaré,
Onde viveu meu avô,
Lugá do meu nascimento
Que fica no interiô,
De junto do Cariri.
Nasci e me criei ali,
Sem nunca saí de lá,
E eu vou dizê um segredo:
Ando aqui com munto medo
Dos carro me machuca.

Lá do sertão de onde eu venho,
Inté hoje não chego
Buzina de caminhão
Nem apito de motô;
A vida é bem sossegada,
Sem barúio e sem zoadá,
Por isso eu faço questão
De não morá na cidade,
Foi sempre minha vontade
Vivê e morrê no sertão.

E é praquê na cidade,
Ou mêrmo na capitá,
Tem coisa que eu não conheço
E não quero preguntá.
E o que mais me faz pirraça
É eu vê, que por toda a praça

Um frumigueiro de carro,
Sem a gente achá desvio,
E nem tê paia do mio
Pra gente fazê cigarro.

É munto mais boa a vida
Da minha gente matuta,
Lá onde tudo é sossego,
Lá onde ninguém escuta
Essa zoadá mardita,
E onde também se acredita
E se crê de coração
Em munta coisa da vida
Que essas pessoa sabida
Chama de superstição.

Sei que tem munta gente
Sabida que é bem capaz
De lê de trás pra diente
E de diente para trás.
Home de boa conveça,
Que sabe os nome das peça
Do vapô e do avião,
Do carro e da bicreta,
Mas não conhece as dieta
Da vida do meu sertão.

A gente do meu sertão
Tem a vida acotelada.
Nas noite de sexta-feira
Caçado não faz caçada,
Temendo grande desgraça.
No meu sertão ninguém passa
Entre dois pau de portêra,
Pois é grande o sacrifício,
Se arrisca a pegá feitiço
Da gente catimbózeira.

E nas noite de São João
As moça casamentêra
Leva uma bacia d'água
Bem pra junto da foguêra,
E ali, com munta prudência
Vão fazer esperiência
Sobre o futuro,
Deitanlo a sorte nas braza
Promode sabe se casa
Com os moços que elas qué bem.

Quem se sentá no batente
Fica sem sorte e zelê
Nunca mais será feliz
Nos negoço que fizé.
E ai do tolo ou do imprudente
Que, sem querê no batente

Por descuido se sentá!
Do dismantêlo não foge,
Fica sujeito a caboge,
Mandiga e quarqué azá.

Prá nós, lá no meu sertão,
Uni chapéu desemborcado
Ave Maria! Meu Deus!
Que agôro malassombrado!
É o mais pió dos agôro,
Seja massa, paia ou côro
Tem a mêmra agôração.
O dono desse chapéu
Se morrê não vai pro céu,
Pois morre sem confissão.
Gato preto, lá pra nós,
Não tem quem quêra cria,
Mode não metê cafinfa
Na união do casá.
Pois aquele bicho é espeto!
Aonde tem gato preto
Se vê logo o labacé;
Todo negoço é perdido,
E a muié xinga o marido,
E o home açoita a muié.

Os rapaz do meu sertão
Tem precação e cuidado,
Não se senta nessas pedra
(ASSARÉ, 2003, p. 123)

De amolá foice, machado
Facão, faca e roçadêra,
Nem mêmro por brincadêra,
Pruquê se ele se sentá,
Nunca mais gozá prazê
Perde o gôsto de vive
E a vontade de casá.

Tudo lá é coidadoso
Toda aquela criatura
Que pensa no sucedido
Das coisa das Escritura
E magina de verdade
Na maió das farsidade
Que Judas com Jesus fez,
Além dos ôto assunto,
Nunca bota um adjunto
No dia treze do mês.

Lá não tem ninguém sabido,
Mas a vida é resguardada.
Por izempro no sertão
As coisa munto arriscada
Que a muié do sertanejo,
Inda que tenha desejo,
Nunca faz nem nunca fez,
É comê banana geme,
Pruquê comendo ela teme
Tê dois fio duma vez.

**ANEXO J – CORDEL: QUEM QUISER SER MEU AMIGO
NÃO FALE MAL DE ASSARÉ**

MOTE

Quem quiser ser meu amigo
Não fale mal de Assaré.

GLOSAS

Bastante nos adianta
A sua topografia,
E em beleza e em poesia
Nos fascina e nos encanta,
É onde o graúna canta
Na copa do catolé,
Ninguém achará um pé
De anarquizar meu abrigo,
Quem quiser ser meu amigo
Não fale mal de Assaré.

Quando há seca no sertão,
Que a crise se multiplica,

O meu Assaré não fica
Exposto a grande aflição,
Atrás de comprar feijão
Vêm comboieiros até
Lá da zona do Areré,
E não voltam sem o artigo,
Quem quiser ser meu amigo
Não fale mal de Assaré.

Morrerei dando louvores
À minha terra querida,
Onde conheci na vida
Os meus primeiros amores,
Onde a virgem Mãe das Dores,
Esposa de São José,
É venerada com fé
E nos livra do perigo;
Quem quiser ser meu amigo
Não fale mal de Assaré.

(ASSARÉ, 2003, p. 241).

ANEXO K – ENTREVISTA COM CÉZAR MANOEL CONRADO, POETA E ESCRITOR

- Quem é Cézar?
 - Cézar é um cristão, pai de família, professor que ama a profissão, dedica-se a obra do Senhor....
 - E poeta?
 - Sim, sou poeta, cordelista, escritor apaixonado pelas letras, histórias e pessoas.
 - Qual sua inspiração?
 - Minha inspiração, não sei explicar, as vezes tenho, as vezes não. Acredito ser um dom divino mesmo.
 - Qual seu primeiro contato com a literatura?
 - Foi quando eu ainda era criança, o pessoal chamava os poemas de cordéis de romance, quem lia para mim era o Sr. Josá, ele ia todas as noites ler para nós, todas as crianças e adultos se juntavam na calçada, era a hora do dia que eu mais gostava. Ele uma vez leu o poema do Pavão Misterioso, até hoje é o cordel que eu mais gosto.
 - Quando escreveu seu primeiro cordel?
 - O primeiro cordel foi falando sobre as mães, para um trabalho de escola, eu tinha por volta dos 8 anos.
 - Tem algum poeta em que você se inspira/
 - Tenho sim, mas no momento me recordo apenas de Bráulio Bessa, e Josá (Morador do Sinimbu).
 - Sobre seus poemas, quantos já produziu, e sobre o que eles tratam?
 - Já perdi as contas de quantas já fiz, foram muitos mesmo, porém só publiquei um, que foi A peregrinação da Imagem de São Francisco, porém um dia pretendo publicar um livro com todos meus poemas, e também um outro com as produções dos meus alunos.
- Gosto de escrever sobre os sentimentos, minha infância, por conter muitos mistérios que até o presente momento não consigo explicar, pois sempre fui uma pessoa com muita sensibilidade e espiritualidade, sobre meu passado, enfim, sobre tudo!
- Qual a importância da literatura em sua vida?
 - Para mim a literatura é muito importante, para todas as pessoas evoluírem com seus sentimentos, expor o que está dentro de nós. Ela me torna uma pessoa feliz e realizada, me completa, me orgulho de mim mesmo, e me ajuda a me aproximar das pessoas, me torna uma pessoa popular, uma pessoa admirável.
 - E se a literatura acabasse?
 - Se a literatura acabar, o mundo vai ficar feio, sem cor, sem vida, sem rumo, sem história, sem alegria.

ANEXO L – ENTREVISTA COM JÚLIA GENEROSA DOS SANTOS, POETA

- Quem é Julia Generosa e o que ela mais ama?
 - É uma idosa, cheia de grandes histórias, foi professora, escritora, mãe, vó, e uma católica, de grande fé, e que ama seu esposo Joel. Eu tenho 86 anos de idade, tenho 10 filhos, 17 netos e 13 bisnetos.
 - Qual a sua inspiração para escrever?
 - Foi a barragem do Moxotó, e o meu saber é vindo do Senhor Jesus Cristo.
 - Qual poema a senhora mais gostou de escrever?
 - O romance da Tristeza.
 - Quando escreveu o primeiro poema?
 - No ano de 1.972.
 - Como a senhora aprendeu a fazer esses versos?
 - Foi o Senhor Jesus Cristo que colocou em minha cabeça.
 - A senhora ainda escreve?
 - Se houver precisão, escrevo sim!
 - Fiquei sabendo que faz versos de encomenda é verdade?
 - Faço sim, já fiz muitos.
 - Qual o poema a senhora mais gosta?
 - Romance da Alegria.
 - A senhora ainda gosta de ler?
 - Gosto sim, leio todo tipo de livros.
 - Sobre o que a senhora gosta de escrever?
 - Gosto de escrever, sobre as coisas que mechem com os meus sentimentos
- .